



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**



CARLA DOMINGUES FERREIRA

**GABRIEL O PENSADOR: ANÁLISE DA IDENTIDADE SOCIAL DE UM
(POSSÍVEL) MIGRANTE**

**CAMPINAS
2009**

CARLA DOMINGUES FERREIRA

**GABRIEL O PENSADOR: ANÁLISE DA IDENTIDADE SOCIAL DE UM
(POSSÍVEL) MIGRANTE**

Monografia apresentada ao Instituto de Estudos da
Linguagem, da Universidade Estadual de
Campinas como requisito parcial para a obtenção
do título de Licenciado em Letras – Português.

Professor orientador: Prof^a Dr^a Inês Signorini

CAMPINAS
2009

AGRADECIMENTOS

Ao meu Criador, por me permitir chegar à conclusão do curso de Letras. A Ele, meu eterno obrigada.

À minha família, pelo apoio e incentivo ao longo de toda uma vida. Em especial, ao Felipe, sobrinho amado, que acaba de chegar ao mundo.

Ao querido Rafael Verginelli, pelo carinho, por sempre me fazer acreditar em meu potencial e pela paciência inesgotável.

Aos meus amigos da Pastoral Universitária da Unicamp, pelos momentos de alegria verdadeira.

À Anna Carla Dini de Oliveira Cunha, supervisora do meu estágio de campo, pela enorme contribuição ao meu crescimento profissional, pela generosidade com que sempre me acolheu e pela revisão deste trabalho.

À professora Dra Inês Signorini, antes de tudo, pela possibilidade de trabalhar com uma profissional tão competente. Agradeço pela supervisão deste trabalho ao longo de um ano e meio de parceria e pela contribuição para o aprimoramento das várias versões que originaram o mesmo.

*“Pensa! O pensamento tem poder
Mas não adianta só pensar.
Você também tem que dizer! Diz!
Porque as palavras têm poder.
Mas não só dizer.
Você também tem que fazer! Faz!
Porque você só vai saber se o final vai ser feliz depois que tudo acontecer”.*

Gabriel O Pensador

RESUMO

Este trabalho procura compreender como acontece o processo de construção da identidade social de *rapper*, muitas vezes questionada, do cantor e compositor Gabriel O Pensador, principalmente, pelo fato de não pertencer territorialmente à periferia. Para isso, serão analisados os conteúdos temáticos de composições suas consideradas significativas para os integrantes do movimento *hip hop*- *Brasil 500*, *Como um Vício e Racismo é Burrice* e *Cantão*- e comparados respectivamente com composições de *rap* do grupo Racionais MC's – *Otus 500*, *Capítulo 4 Versículo 3* e *Racistas Otários*. Conforme apontam nossas expectativas, Gabriel O Pensador poderia ser um migrante social através de uma perspectiva ideológica, na qual ele estaria em processo dinâmico de transformação tanto do modo de vida e das relações com o espaço, quanto dos referenciais simbólicos que marcam suas experiências no lugar de origem. No entanto, surpreendentemente, nossas análises nos indicaram que o cantor e compositor realiza uma migração ideológica mal sucedida e não apresenta algumas características necessárias para ser legitimado como *rapper* pela totalidade do público simpatizante do movimento *hip hop*. Deste modo, atravessaremos, neste trabalho, o percurso que nos permitiu chegar a essas conclusões.

PALAVRAS-CHAVE: *RAP* - IDENTIDADE SOCIAL - MIGRAÇÃO IDEOLÓGICA.

ABSTRACT

This work tries to understand how does the process that constructs the social identity, frequently questioned, of the singer and composer Gabriel O Pensador as a rapper happens. For that, the thematic content of his compositions that present a meaningful content for the Hip Hop movement- *Brasil 500, Cantão, Como um Vício e Racismo é Burrice* - will be analyzed and compared with the group Racionais MC's- *Otus 500, Capítulo 4, Versículo 3 e Racistas Otários* . According to our expectation, Gabriel O Pensador could be a social migrant through an ideological perspective, in which he would be in a dynamic transformation process both of the life style and space relations, and of the symbolical references that mark his experiences in his place of origin. However, surprisingly, our analyzes indicated that the singer and composer is not able to really migrate ideologically, neither presents all the required characteristics to be legitimated as a rapper. Thereby, in this work we will go through the path that allowed us to come to these conclusions.

KEY WORDS: RAP - SOCIAL IDENTITY - IDEOLOGICAL MIGRATION

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 08 |
| 2. METODOLOGIA..... | 10 |
| 3. CARACTERÍSTICAS DO MOVIMENTO <i>HIP HOP</i> | 13 |
| 4. DESVENDANDO O CANTOR E COMPOSITOR GABRIEL O PENSADOR..... | 17 |
| 4.1 Gabriel O Pensador: <i>rap</i> e identidade social..... | 17 |
| 4.2 Gabriel O Pensador: <i>rap</i> e identidade profissional..... | 19 |
| 4.3 Questões de aceitação: público e mídia..... | 21 |
| 5. FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICAS..... | 26 |
| 5.1 Algumas questões relativas à identidade social, migração social e desenraizamento..... | 26 |
| 5.2 Princípios teóricos da Semiótica Greimasiana..... | 31 |
| 6. ANÁLISES DAS COMPOSIÇÕES..... | 38 |
| 6.1 <i>Racismo é burrice</i> (Nova versão de <i>Lavagem Cerebral</i>)..... | 38 |
| 6.1.1 <i>Racistas Otários</i> | 42 |
| 6.1.2 Alguns aspectos discursivos importantes em <i>Racismo é burrice</i> e <i>Racistas Otários</i> | 43 |
| 6.2 <i>Brasil 500</i> | 48 |
| 6.2.1 <i>Otus 500</i> | 49 |
| 6.2.2 Alguns aspectos discursivos importantes em <i>Brasil 500</i> e <i>Otus 500</i> | 51 |
| 6.3 <i>Cantão</i> | 53 |
| 6.4 <i>Como um Vício</i> | 55 |
| 6.4.1 <i>Capítulo 4 Versículo 3</i> | 57 |
| 6.4.2 Alguns aspectos discursivos importantes em <i>Como um Vício</i> e <i>Capítulo 4 Versículo 3</i> | 59 |
| 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 61 |
| 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 66 |
| ANEXOS..... | 68 |
| A. Letra da composição <i>Racismo é Burrice</i> | 68 |
| B. Letra da composição <i>Racistas Otários</i> | 70 |
| C. Letra da composição <i>Brasil 500</i> | 73 |
| D. Letra da composição <i>Otus 500</i> | 74 |
| E. Letra da composição <i>Cantão</i> | 75 |
| F. Letra da composição <i>Como um Vício</i> | 78 |
| G. Letra da composição <i>Capítulo 4 Versículo 3</i> | 80 |

1 - INTRODUÇÃO

O cantor e compositor Gabriel Contino, popularmente conhecido como Gabriel O Pensador, aparece constantemente nos meios de comunicação vinculado à imagem de *rapper*, ainda que nem sempre os simpatizantes do movimento *hip hop* lhe atribuam tal identidade.

De fato, em alguns momentos encontramos incompatibilidades entre Gabriel O Pensador e o perfil de *rapper* legitimado pelos admiradores do movimento *hip hop*, que apesar de algumas variações, compreendem o *rapper* como sendo, entre outras coisas, um indivíduo que possui origem negra, reside na periferia e denuncia em suas composições as precárias condições socioeconômicas, o descaso das autoridades em relação a políticas públicas de melhoramento e o cenário de violência encontrados neste local. Tais características foram traçadas com base em um levantamento observado na comunidade virtual *Orkut*. Este levantamento será detalhado na seção *Questões de aceitação: público e mídia* encontrada nesta monografia.

Em outros momentos, são notórias as aproximações entre Gabriel O Pensador e o universo *hip hop*, fatos diversos que nos permitem considerar a hipótese de que o cantor e compositor seria um migrante social.

Estamos compreendendo o termo migrante social através de uma perspectiva ideológica no sentido dado por Penna em seu estudo sobre noções de perda de identidade e desenraizamento, no qual ela afirma que a migração implica na (re)construção dos referenciais de vida de quem parte em busca de um novo lugar, seja ele físico ou ideológico (1998).

Neste sentido, este trabalho tem o intuito de responder às seguintes perguntas de pesquisa:

- ❑ Seria Gabriel O Pensador um migrante social através da perspectiva ideológica que podemos perceber no artigo de Penna (1998)? Quais indícios nos levam à afirmação ou negação dessa hipótese inicial?
- ❑ Há legitimidade em Gabriel O Pensador enquanto representante da categoria *rapper*? Há reconhecimento social por quais grupos?
- ❑ Como é possível perceber o processo de construção e (*auto*) atribuição da identidade social de *rapper* em algumas composições de Gabriel O Pensador?

É importante mencionar que este trabalho também busca contribuir, ainda que de maneira secundária, para os estudos sobre o gênero musical *rap*, que muitas vezes é difundido apenas nos meios urbanos e é pouco estudado pela sociedade em ambientes “formais”, como, por exemplo, a escola. Muitas vezes, o sistema escolar (em sentido similar à mídia) rotula o vocabulário desse gênero musical como “inadequado e inapropriado” e, desta maneira, dita quais os gêneros textuais, musicais e “visuais” devem ser utilizados em seu território. Ainda assim, são milhares os admiradores do gênero musical *rap* e em meio ao seu conteúdo de protesto, encontramos uma consistente argumentação, além de técnicas rebuscadas de composição. Devemos mencionar que atualmente a mídia brasileira tem se mostrado um pouco mais disposta a difundir o gênero musical rap, por meio da divulgação de novos grupos e também de alguns programas de televisão. A mídia virtual também tem sido responsável por divulgar o gênero.

2 – METODOLOGIA

Para investigar o processo de construção da identidade social de *rapper* ocupada por Gabriel O Pensador em suas composições e responder as questões relativas à migração social ideológica, neste trabalho, serão estudadas, por meio de uma análise comparativa temática não musical, algumas composições de conteúdo temático significativo para o movimento cultural *hip hop*.

É necessário mencionar que a obra de composições musicais de Gabriel O Pensador não se restringe apenas à temática do movimento *hip hop*, embora sua classificação musical frequentemente apareça generalizada como tal gênero musical. Sendo assim, nesta monografia, foi priorizado um recorte temático no qual seria possível estabelecer relações com o movimento *hip hop*, no intuito de investigarmos a trajetória do migrante Gabriel O Pensador no referido movimento.

Neste sentido, foram selecionadas as seguintes composições de Gabriel O Pensador: *Racismo é burrice*(2002), *Brasil 500*(2000), *Como um vício*(1995) e *Cantão*(1999).

As composições do cantor e compositor carioca serão contrapostas às composições de conteúdo similar *Racistas Otários*(1990), *Otus 500*(2002) e *Capítulo 4 Versículo 3* (1997) do grupo Racionais MC's. Este grupo de *rap*- que surgiu em 1988 na periferia de São Paulo- é apontado constantemente como um dos maiores representantes do gênero musical *rap* no Brasil, sendo que suas composições abordam a realidade de marginalização e desigualdade social encontradas na periferia, assim como o racismo, criminalidade e consciência política. Para que seja possível perceber mais claramente as características que aproximam e distanciam Gabriel O Pensador dos demais *rappers* consagrados pela composição desse gênero musical observaremos a construção de sentido nas obras musicais de ambos os compositores.

Devemos enfatizar que a escolha pelo grupo Racionais MC's como ponto de contraste/aproximação com Gabriel O Pensador deve-se a ampla aceitação nacional do referido grupo como representante legítimo da categoria *rapper*.¹

¹ Enquete retirada do *site* de relacionamentos Orkut:

Comunidade: *Rap* (89230 usuários)

Fórum de discussão: Qual desses grupos é o melhor?: Racionais MC's 46% dos votos (1º lugar)

Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#CommPollResults.aspx?cmm=568135&pid=683265628&pct=1251375833>

A seleção das composições de Gabriel O Pensador, nesta monografia, deu-se segundo dois critérios. O primeiro critério foi o conteúdo abordado nas composições ser de interesse e grande importância no contexto do movimento *hip hop*- fato que facilitaria as análises comparativas com as composições do grupo Racionais MC's. A partir deste critério, foram selecionadas as composições *Racismo é Burrice, Brasil 500* e *Como um Vício* de Gabriel O Pensador e *Racistas Otários, Otus 500* e *Capítulo 4 Versículo 3* do grupo Racionais MC's.

O segundo critério privilegiou uma composição em que Gabriel O Pensador narra o seu processo de aproximação inicial com o movimento *hip hop*, no intuito de estabelecer relações mais próximas com a fundamentação teórica que será utilizada neste trabalho. Nestas condições, foi selecionada a música *Cantão*.

Devemos ressaltar, mais uma vez, que o procedimento de análise é temático comparativo e não musical e dá-se unicamente pelo elemento *rap* do *hip hop*, sendo desconsiderados os elementos *break* e *grafite*, assim como o acompanhamento sonoro do *DJ*.

Para cumprir com essa análise, serão empregados conceitos iniciais da semiótica greimasiana, sobretudo os estudos de campo semântico. Devemos mencionar que esta monografia não apresenta o intuito de abranger todo o estudo semiótico do texto, uma vez que temos conhecimento de que o referido estudo é bem mais amplo do que será feito aqui, mas sim apenas verificar em que medida o campo semântico utilizado por Gabriel O Pensador o constitui como possível migrante social em uma perspectiva ideológica.

A opção pela orientação de análise semiótica do texto, particularmente a greimasiana - que se ocupa em estudar *o que o texto diz e como faz para dizer o que diz, se atentando, principalmente, ao seu plano de conteúdo* (Barros, 2007)- deve-se primeiramente ao nosso interesse pessoal pela referida teoria, assim como pelo seu interesse no estudo de todo e qualquer produto cultural que transmita sentido ao ser humano.

A semiótica greimasiana também será importante quando desenvolvermos as comparações de campo semântico entre as composições de Gabriel O Pensador e as do grupo Racionais MC's, no intuito de averiguarmos o processo da construção de sentido na produção musical de ambos os compositores.

Dadas as orientações acima, partindo da hipótese de que Gabriel O Pensador seja um possível migrante social, ou seja, esteja em processo dinâmico de transformação-

destruição/recriação-tanto do modo de vida e das relações com o espaço, quanto dos referenciais simbólicos que marcavam a experiência social², ao longo do trabalho serão feitas análises, por meio das composições mencionadas anteriormente, sobre os as congruências e incongruências em relação ao perfil de *rapper* apresentadas pelo cantor e compositor carioca, no intuito de observarmos sua possível migração social ideológica.

Nos momentos em que as análises das composições de *rap* exigirem contextualizações particulares do universo *hip hop*, serão utilizados artigos específicos sobre esse gênero musical.

Não podemos nos esquecer que nesta monografia foi realizado um levantamento no *site* virtual de relacionamentos *Orkut* no intuito de averiguarmos as opiniões e comentários do público integrante do movimento *hip hop* sobre Gabriel O Pensador.

Este *site* permite aos usuários entre outras possibilidades: trocar mensagens com amigos, opinar através de grupos de discussão sobre determinado tema que se manifestam nas chamadas “comunidades” e identificar amigos a partir do gosto em comum por determinado tema, por exemplo, um grupo musical ou um time de futebol. O procedimento de uso do *site Orkut* será melhor explicado na seção 4.3 desta monografia: *Questões de aceitação: público e mídia*.

² (PENNA, 1998:109)

3 – CARACTERÍSTICAS DO *HIP HOP*

Rap é uma sigla inglesa adotada em todo o mundo para designar as palavras *rhythm and poetry*, que são traduzidas para a língua portuguesa como “ritmo e poesia”. Esta sigla, que adquiriu estatuto de palavra autônoma, designa um ritmo musical difundido principalmente nas periferias das grandes metrópoles mundiais. O *Rap*, juntamente com o *graffite* (expressão artística) e o *break* (dança que movimentava os quadris), compõe o movimento cultural *hip hop*.

Historicamente, o *hip hop* surgiu nos guetos de Nova York, mais especificamente no bairro do Bronx nova-iorquino na década de 70. Ele surgiu como uma articulação de jovens afro-americanos e caribenhos que procuraram elaborar práticas culturais capazes de reafirmar sua identidade étnica e cultural por meio da arte. Em sua origem, o principal intuito do movimento era o de diminuir a violência entre a juventude unificada em gangues.

“Ele foi criado e continua com o mesmo propósito: canalizar energias que poderiam estar voltadas à criminalidade centralizando-as na produção artística. E é exatamente essa a questão incompreendida do rap, quando ouvimos essa tendência musical dotada de pré-conceitos”.
(ANDRADE, 1999:86)

Desde os primeiros passos do movimento, esses jovens à margem da sociedade viam na arte a possibilidade de interpretar e revelar ao mundo as precárias condições socioeconômicas que lhes cerceavam, sempre de maneira fiel à realidade.

“O movimento hip hop e, em especial o rap, irá oferecer à juventude excluída uma forma de expressão que, em primeira pessoa, contará como é a vida nessa periferia, onde a violência, o desrespeito aos direitos dos cidadãos, a opressão, o racismo e a falta de perspectivas presentes no cotidiano serão os temas preferenciais dessa música”.
(GUIMARÃES, 2007: 181)

Nesta perspectiva, o *rap* atua como um instrumento de divulgação da violência e discriminação sofrida por jovens negros, mestiços e, de maneira mais ampla, excluídos que vivem na periferia. Assim, funciona como um elo de comunicação entre os jovens da periferia e o restante da sociedade.

“Da periferia para o centro, o rap está mostrando como identidades (negra, jovem, excluída) se reencontram no tempo e no espaço, reunidas pelos meios de comunicação, e como estas identidades se relacionam com o global e o local, levando a narrativa da violência para a cena musical e criando novas referências para as culturas”.
(GUIMARÃES, 2007: 180)

Se a princípio o movimento *hip hop* apresentava cunho político, nos dias atuais ele foi gradativamente se desmembrando em diversas orientações ideológicas, que, neste caso, podemos falar em um movimento de orientação heterogênea.

“Há uma multiplicidade de posicionamentos e propostas dentre os hip hoppers, mas o ideário que os norteiam é o mesmo. Embora façam parte da mesma manifestação cultural, há peculiaridades. Denominam-se hip hoppers, mas expressam “múltiplas falas”. Há aparente homogeneidade no hip hop: movimento de contestação social, denúncia e protesto, por meio de suas expressões artísticas. No entanto, há hip hoppers que afirmam “não fazer protesto” ou que não consideram todas as expressões do hip hop; outros que estão ligados a diferentes militâncias e outros ainda, que têm interesses exclusivamente financeiros. Enfim, pertencem a um grupo de jovens que compartilha de uma mesma definição de realidade: “uma mesma linguagem pode expressar múltiplas falas”.
(DAYRELL, 2001 apud FERREIRA, 2005:1)

No Brasil, o *hip hop* surgiu nos anos 80, embora tenha adquirido maior notoriedade a partir da década de 90. Seu espaço inicial de difusão, e que ainda hoje concentra a maior quantidade de grupos de *rap* brasileiros, refere-se à periferia da capital paulista, particularmente a Zona Sul da cidade.

Os temas mais recorrentes abordados nas letras de *rap* brasileiras são: o resgate da identidade negra; o protesto contra a “história oficial” do Brasil, envolvendo a escravidão negra; a marginalização da juventude de periferia negra; a criminalidade e violência na periferia; a exclusão cultural da periferia do cenário nacional.

É importante ressaltarmos as influências da música popular brasileira neste gênero musical, mais especificamente a produzida por negros e mestiços. O Samba e o baião são alguns dos gêneros musicais que se incorporam ao *rap* brasileiro, tanto nas batidas (manifestadas por meio dos DJs³), quanto no resgate de referências relacionadas à cultura negra. Ainda assim, o gênero musical *rap* não demonstra a intenção de apresentar-se como representante da identidade nacional, mas sim local, ou seja, representante das periferias, que longe de serem entendidas em um sentido pejorativo, nesta monografia, são compreendidas como guetos sociais próprios de determinadas regiões onde há ausência de políticas públicas de melhoramento⁴.

Nesta perspectiva, é necessário observar a diferença de tratamento que o *rap* dá em relação à periferia quando comparado com outros gêneros musicais que abordam o assunto:

“A música popular brasileira sempre teve relação com o morro, o subúrbio, a periferia, seja por saírem desses territórios boa parte dos músicos, seja como tema. Porém, era sempre um discurso sobre ele (o suburbano, o favelado, o periférico, o excluído) e não por ele. Ou seja, era um discurso em terceira pessoa, onde se relatava o que acontecia com ele.” (GUIMARÃES, 2007:181)

Portanto, no Brasil, assim como nas demais partes do mundo, onde tal gênero musical é difundido, por tratar-se de um discurso em primeira pessoa, quem revela a realidade “nua e crua” da periferia é o próprio morador dela. Não se trata de uma descrição em terceira pessoa ou de

³ O DJ é responsável por cuidar da apresentação sonora do rap, ou seja, as batidas e o ritmo.

⁴ Ainda que este *local* esteja inserido em um *global*, uma vez que o *rap* é um gênero musical mundialmente reconhecido como um gênero musical produzidos nas “periferias” mundiais.

uma apropriação de uma realidade distante ou imaginária passível de teor poético, mas sim de uma revelação fiel do descaso por parte da sociedade em relação aos problemas encontrados na periferia.

4 – DESVENDANDO O CANTOR E COMPOSITOR GABRIEL O PENSADOR

4.1 – GABRIEL O PENSADOR: RAP E IDENTIDADE SOCIAL

Gabriel Contino, conhecido como Gabriel O Pensador, nasceu em 4 de Março de 1974 no Rio de Janeiro. Embora pertencente à classe média alta, passou grande parte da infância e adolescência no bairro Cantão, situado na periferia do Rio de Janeiro, onde se aproximou do movimento *hip hop*. Sua origem étnica e de classe social são fatores que contrastam com o perfil de *rapper* traçado pelos admiradores e estudiosos do movimento *hip hop* e que discutiremos aqui.

Neste sentido, é necessário mencionarmos que as características do perfil de *rapper* mais recorrentes nas caracterizações, tanto do público que integra o movimento *hip hop* quanto dos estudiosos do tema, são: discurso em primeira pessoa; descrição da realidade vivenciada/presenciada e não apenas observada; valorização da periferia como local de origem; presença de raízes afro-descendentes; ausência de relações harmoniosas com a mídia e não aceitação de produções artísticas com finalidades comerciais.

Não podemos nos esquecer também da caracterização visual dos *rappers*, ainda que ela não esteja nos objetivos de nossa análise neste artigo. Agasalhos vestidos ao contrário, bonés, tênis de couro, bermudas largas, camisetas com frases ou com rostos de líderes e músicos negros identificam o *rapper* em qualquer lugar do mundo. (Guimarães, 1999:48)

Dadas estas características principais, vejamos o que revela o excerto de Silva sobre o perfil de *rapper*:

“Outro aspecto central do processo do autoconhecimento produzido pelos rappers encontra-se na valorização da experiência de vida. Ter passado pelo processo de exclusão relacionado à etnia e à vida na periferia surge como uma condição para a legitimidade artística. A mesma experiência individual que é relegada a segundo plano nos bancos escolares transforma-se em tema de reflexão e construção da narrativa poética. É dessa experiência pessoal e intransferível que os rappers extraem matéria prima para a composição musical(...)” (SILVA,1999:31)

“A condição de excluído surge no discurso rapper como objeto de reflexão e denúncia; mais uma vez é a dimensão pessoal que possibilita o desenvolvimento da crônica cotidiana de um espaço no qual o poder público e a mídia se afastaram (...)” (SILVA, 1999:31)

Guimarães complementa o raciocínio de Silva ao afirmar que o *rap* é um discurso em primeira pessoa e que quem conta como é a vida na periferia é o próprio ser periférico⁵.

“Ao criar um discurso em primeira pessoa, territorialmente localizado, mas cuja amplitude é global, os jovens excluídos das periferias de todo o mundo criam uma narrativa que possibilita a construção de uma identidade que os une a partir de sua realidade e não em uma idealização, como as referências à identidade nacional pretendiam construir. E que ganha universalidade porque a própria exclusão tornou-se parte integrante dessa identidade”. (GUIMARÃES, 2007: 183-184)

“Se a identidade não pode estar separada da sua narrativa, o rap potencializa essa construção, fazendo dela não apenas uma forma de consolidação de identidade, mas também de inclusão, gerando uma nova forma de expressão artística que não se descola de seu produtor, nem do território onde é produzida”. (GUIMARÃES, 2007: 183)

No que diz respeito à questão da etnia, os pesquisadores e admiradores do movimento *hip hop* parecem divididos quanto à possibilidade de imersão de indivíduos de outra etnia que não a afro-descendente no movimento.

Ferreira trata esta questão: a pesquisadora afirma haver uma multiplicidade de posicionamentos e propostas entre os *rappers*, a quem ela designa de *hip hoppers*. Neste sentido, ela assume orientação favorável ao *rap* como sendo instrumento de contestação de todos que se sentem indignados com as condições de vida na periferia, independentemente de sua etnia, uma

⁵ (Guimarães, 2007:182)

vez que, por este critério, vários compositores de *rap* não seriam reconhecidos como *rappers* legítimos no movimento *hip hop*.

“É importante ressaltar que há diferentes pontos de vista no movimento hip hop em diversos aspectos e, em relação a questões étnicas, alguma posses entendem o movimento, mais especificamente o rap, como movimento negro juvenil e assumem um ideário racial, sendo fator indispensável. Em contrapartida, outras posses e hip hoppers entendem o movimento como expressão cultural de jovens moradores de periferia, pobres e excluídos e não apenas negros”.
(ANDRADE, 1996 apud FERREIRA, 2005:9)

Ainda assim, a condição de integrante da periferia é unanimidade entre os admiradores do movimento para legitimar um *rapper*.

Outra característica que contribui para a construção do perfil de *rapper* é o afastamento da mídia, -notoriamente de programas de televisão em canais abertos, encarados pelos *rappers* como “manipuladores de opinião pública. Neste sentido, as freqüentes aparições de Gabriel O Pensador na mídia não condiziriam com o comportamento esperado de um *rapper* legítimo.

Diante das referências que compõem o perfil de *rapper* delimitado pelos fãs e estudiosos do movimento *hip hop*, é importante perceber que as origens (raízes) de Gabriel O Pensador distinguem-no do estereótipo do referido perfil, cuja caracterização geralmente é atribuída pelos próprios compositores e idealizadores desse gênero musical.

4.2 – GABRIEL O PENSADOR: RAP E IDENTIDADE PROFISSIONAL

Gabriel O Pensador formou-se em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Tornou-se nacionalmente conhecido pela autoria da música "Tô Feliz (Matei o Presidente)", cujo assunto referia-se ao impeachment do então presidente brasileiro, Fernando Collor de Mello. A maneira crítica e ousada de revelar sua indignação, característica recorrente na obra musical do cantor e compositor, fez com que sua canção fosse censurada na época.

As inspirações musicais de Gabriel O Pensador também são bastante variadas e estendem-se além das influências do movimento *hip hop*. Bob Marley, Luiz Gonzaga, Chico Buarque, Caetano Veloso e Gilberto Gil são alguns dos compositores que influenciaram/influenciam no processo de composição do cantor e compositor carioca, por exemplo, na “preciosidade vocabular”, nas rimas raras e ricas e no uso constante de figuras de linguagem.

As composições de O Pensador diferenciam-se daquelas dos demais *rappers* também pela sua natureza levemente bem humorada. Além disso, a temática é mais extensa/ampla que a dos tradicionais grupos de *rap*, de maneira a abordar preconceitos não apenas raciais, como também sociais, profissionais e regionais, além de causas mais amplas como os problemas encontrados na área da saúde e educação. Aborda também a situação de marginalização e miséria de uma grande parcela da população brasileira. Causas essas que permitem ao compositor envolver-se em diversos projetos sociais direcionados à melhoria das condições de vida na periferia, como por exemplo, projetos de leitura e palestras nas escolas públicas cariocas e a fundação da *ONG Pensando Junto*⁶.

Ainda em relação à temática de suas composições, outra característica que diferencia a obra de Gabriel O Pensador é a demonstração de uma abordagem mais esperançosa e algumas vezes utópica em relação aos problemas sociais do Brasil.

*“O guerreiro não se cansa e acredita na mudança, porque a
esperança é última que morre(..)”.*

*“(..).A semente já está no nosso chão,
agora é só regar com a mente e o coração.*

A transformação da revolta em amor,

A transformação... (..)”.

*“(..).Nem todos que sonharam conseguiram, mas pra
conseguir é preciso sonhar”.*

(Brasil 500 anos- Gabriel O Pensador).

⁶ “Trata-se de um projeto social, educativo e cultural que atende a crianças e jovens da comunidade da Rocinha, proporcionando a seus participantes, acesso à cultura, educação, lazer, alimentação, acompanhamento médico, odontológico e psicológico. O projeto foi criado a partir da indignação do *rapper* e ativista social Gabriel O Pensador, que de perto acompanhava o crescimento de jovens que faziam malabares em um sinal de trânsito, perto de sua casa e em frente à comunidade da Rocinha, no Rio de Janeiro.” Fonte: <http://blog.pensandojunto.org.br/> (Última atualização em 29/12/2009)

4.3 – QUESTÕES DE ACEITAÇÃO: PÚBLICO E MÍDIA

Observamos o *site* de relacionamento *Orkut* para levantarmos opiniões dos admiradores do movimento *hip hop* sobre as composições de Gabriel O Pensador.

O *Orkut*, *site* de relacionamentos virtual, está disponível em *www.orkut.com*. Para ser um usuário do *Orkut* é necessário possuir uma conta de e-mail e uma senha.

No *Orkut* é possível conectar-se a amigos e familiares por meio de recados e mensagens, conhecer novas pessoas e amigos por meio de interesses em comum que se manifestam na escolha das comunidades que cada usuário participa (comunidades de religião, cidades, esportes, artes, política, etc).

Cada usuário, ao ser cadastrado no *Orkut*, apresenta em sua página pessoal campos específicos para inserir seu perfil social, profissional e pessoal. Também há um espaço em que é possível inserir suas fotos, músicas e vídeos preferidos.

O *Orkut* apresenta diversas comunidades virtuais que são divididas em categorias como *Esportes, Moda e Beleza e Artes e Entretenimento e Música*. Através destas categorias é possível ao usuário encontrar comunidades que manifestem seus interesses pessoais, assim como estabelecer contato com os usuários que compõem o total de membros desta comunidade.

Em cada comunidade há vários fóruns de discussão sobre o seu tema/assunto central. Também há nas comunidades enquetes que respondem dúvidas e curiosidades sobre o tema/assunto em questão.

Para realizarmos um levantamento de opiniões sobre as composições de Gabriel O Pensador, observamos no *site* de relacionamento *Orkut* a comunidade *Gabriel O Gênio Pensador* com mais de 64.000 usuários. Entre vários fóruns de discussão presentes nesta comunidade selecionamos “Rap do Mano Brown” em que é possível perceber o contraste do perfil que os admiradores do gênero atribuem a Gabriel O Pensador quando comparado aos Racionais MC’s.

Selecionamos também a comunidade *Racionais MC’s* com mais de 357.000 usuários. Neste comunidade, observamos o fórum de discussão “O que vocês acham do Gabriel O Pensador?”.

Através do levantamento de comentários sobre Gabriel O Pensador observados nas duas comunidades do *Orkut* mencionadas anteriormente, observamos que os motivos que aproximam e

afastam o cantor e compositor carioca do público admirador do movimento *hip hop* não são os mesmos.

A parcela de fãs e admiradores de Gabriel O Pensador justifica a apreciação pelo cantor, pela sua identidade profissional. Neste sentido, elogia-se o conhecimento do cantor e compositor em várias áreas do saber, fato que permite uma admiração não apenas do público ouvinte de *hip hop*. Por esta parcela de público, O Pensador é visto como poeta, é inteligente, apresenta linguagem bem elaborada e faz denúncias sociais importantes. Portanto, a admiração desse público se dá pelo profissional Gabriel O Pensador, uma vez que suas raízes/origens não são consideradas como fator negativo.

Vejamos alguns comentários que refletem as considerações feitas até aqui⁷:

Davi: É tudo uma questão de geografia, tanto o Gabriel como o Brown fazem crítica e denunciam os problemas sociais do nosso Brasilzão, cada um como o seu estilo é claro (...) (sic)

Nay & Leo: Ou esse lance de palavras rimadas deixem de ser burros, rap de verdade sempre tem que ter alguma rima, Carai é muita burrice. Deixem de serem tapados, se vc's dizem que gosta de rap de verdade deveriam saber que quem trouxe o rap foi o Gabriel Pensador. (sic)

Victor: (...)As letras do Gabriel são muito mais elaboradas, com palavras diversificadas, muito uso de metáforas, algo criativo e inovador, com profundo conhecimento em diversas áreas, seja em relação a maconha, playboy, serviço militar, violência, drogas e etc. Tentar se basear em um ter feito a carreira tendo vantagens não justifica nada, o homem é dono do próprio destino. RAP: Rhythm And Poetry - Ritmo e Poesia - Gabriel é um verdadeiro poeta, com palavras diversificadas, com conhecimento em muitas áreas, além de sempre conseguir

⁷ Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs.aspx?cmm=696957&tid=5265976165303705450> (Última atualização em 29/12/2009)

transmitir uma mensagem positiva e que ajude quem escuta a música, como Ate Quando?, Sem Parar, +1 Dose, dentre outras, além das críticas já praticadas como Hoje eu Tô Feliz (Matei o presidente), Indecência Militar e É pra rir ou pra chorar? por exemplo. (sic)

Lello: *Com certeza o Gabriel teve que lutar muito pra chegar onde chegou ainda mais que ele é “branco” e veio da classe média, sofreu muito com isso, e ainda tem os babacas que falam: Ah, Gabriel não é RAP, veio da classe média e tal, ignorância por parte de alguns, mas pela grande maioria e pelos mais conceituados ele é reconhecido e digo mais, o som do Gabriel vai muito além do RAP!!!! Gabriel faz música que não é só pra quem é fã de RAP”*

Vital: *(...) O que distingue um playboy, eh sua ideia não sua origem. A atitude prevalece sempre, Gabriel eh muito inteligente e merece respeito(sic)*

Elton: *Gabriel eh um dos melhores letristas do Brasil...com opinioes coerentes sobre politica, musica, classe social e muito senso de humor...E ele vive ou viveu sim o q ele escreve...A musica Cantão resumi bastante de onde vem a humildade, a inteligencia q tem... (sic)*

Em contrapartida, os simpatizantes do movimento *hip hop*, que não gostam do trabalho do cantor e compositor carioca, o fazem por aspectos da sua identidade social, comentados na seção anterior, que não se adequam ao legítimo perfil de *rapper*. Para esta parcela do público imerso no movimento *hip hop*, a identidade social de *rapper* exige que, entre outras coisas, o *rapper* resida na periferia, desvincule-se da mídia comercial e faça denúncias sociais sobre o que viveu de fato na sua história.

É interessante perceber que as rimas de Gabriel O Pensador, motivo de admiração para alguns simpatizantes do movimento *hip hop* que as vêem por uma perspectiva profissional, já que

se trata de uma técnica rebuscada de composição, são consideradas mais um ponto como fator negativo, para o público que não aprecia o trabalho do cantor e compositor, já que algumas vezes desconstroem e suavizam “a realidade nua e crua da periferia”.

Algumas das críticas mencionadas por integrantes do movimento *hip hop* que não simpatizam com o trabalho de Gabriel O Pensador estão citadas na comunidade Racionais MC's, no fórum de discussão “O que vocês acham do Gabriel O pensador?” mencionados anteriormente⁸:

William Pedra 90: *ele até q rima bem, mas é rap pra boy
(sic)*

Léo Sub: *algumas músicas salvam!!! Mas eu nem considero
o som do cara como Rap nao!!!! Racionais , Facção , MV
Bill , Realidade Cruel isso sim é rap!! (sic)*

PAC: *(...) pra mim a intenção do Gabriel às vezes é boa em
suas letras, mas pra mim nao é rap nao é só palavras
rimadas (sic)*

Nicolas: *concordo com vocês, como a maioria fala que ele é
Rapper eu classifiquei assim tbm! Nada se rap, só palavras
rimadas também!!(sic)*

Orual: *muito pensativo pensa demais canta bem, mas...
como nois todos aqui da comu estamos acostumado com rap
q fala da favela, do brasil podre, de racismo e varios outros
protestos.... ... o grabiel pensador naum tem musicas q
encaixa na nossa mente como rap. vamos dizer q ele seja
um cantor de hip hop pop.. e ele se vende facil as*

⁸ Fonte:

<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs.aspx?cmm=420529&tid=5259561786208100762&na=2&nst=106>

(Última atualização em 29/12/2009).

*midias, mais um motivo pra ele naum ser cantor de rap. he
essa ai minha opiniao.... (sic)*

***Aninha:** eu gosto(do Gabriel) só que a realidade dele é
outra ele fala sobre o que ele vê na televisão, diferente dos
racionais que passam ou passaram por isso. mas é legal
escutem que vcs vão gostar (sic)*

***Mario Kerque:** Ele não é da favela!! Os raps dele é foda!
Num chega nem perto do nosso mestre Brown! É um boy
querendo dá uma de pobre!! (sic)*

***Lello:** “ Mano Brown: ele fala mais sobre a realidade dele,
que é a vida na favela, e essa coisarada toda, a visão dele,
tem ótimas letras... o cara sem dúvida faz altas letras...
Gabriel: Gabriel não viveu na favela, mas tem amigos lá na
rocinha, mais logicamente que o Rap do Gabriel é diferente,
justamente por não ter vivido na favela, por isso que o
Gabriel fala muito de política e vários outros temas nas
letras dele, já o Mano Brown, tem mais gabarito pra entrar
nesse assunto, o cara não teve muito estudo, dou parabéns
pro Mano Brown...” (sic)*

Fica perceptível que as características do *rapper* distinguem-se para o grupo que admira Gabriel O Pensador e para o grupo que não aprecia a sua produção musical.

Enquanto para este primeiro grupo Gabriel é um “poeta”, é “inteligente”, apresenta linguagem elaborada e rimas ricas, além de fazer denúncias sociais importantes. Para o segundo grupo Gabriel O Pensador faz *rap*, mas não é *rapper*, uma vez que é necessário ao *rapper* apresentar origem negra e residir na periferia, já que residir no “local” periferia indica a noção de pertencimento necessária para a legitimação de um *rapper*.

5 - FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICAS

5.1 - ALGUMAS QUESTÕES RELATIVAS À IDENTIDADE SOCIAL, MIGRAÇÃO SOCIAL E DESENRAIZAMENTO.

No artigo *Relatos de Migrantes: Questionando as Noções de Perda de Identidade e Desenraizamento*, Maura Penna analisa relatos de trabalhadores rurais, predominantemente nordestinos, que migraram para a cidade de São Paulo e, neste sentido, investiga conceitos teóricos que envolvem o processo de migração, tais como identidade social e desenraizamento.

Nosso objetivo, aqui, por meio do artigo de Penna, é observar de que maneira a possível migração ideológica do cantor e compositor Gabriel O Pensador influencia e reflete em algumas de suas composições, interferindo ou não na construção de sua identidade social enquanto *rapper*.

Penna define o conceito de identidade social com o intuito de compreender a noção de desenraizamento (ou perda de identidade), já que o processo de migração social, seu objeto de estudo no artigo, frequentemente é vinculado à referida noção. Neste sentido, a autora compreende a identidade social como sendo:

“A identidade social é uma construção simbólica que envolve processos de caráter histórico e social, que se articulam (e atualizam) no ato individual de atribuição. Consideramos, assim, que a identidade social é uma representação relativa à exposição no mundo social, e portanto intimamente vinculada às questões de reconhecimento. Concebemos a possibilidade de múltiplas identidades, com base em referenciais distintos- como a origem territorial, a condição de gênero, a etnia, a atividade profissional etc-, pois enquanto uma construção simbólica, a identidade não é decorrência automática da materialidade”. (PENNA, 1998: 92)

Ainda em relação a este assunto, Penna nos revela que muitas vezes as práticas culturais são tomadas como indicativas da identidade social de um indivíduo e afirma que não é possível estabelecer uma relação tão direta entre os fatores citados. A autora justifica tal raciocínio

recordando que a identidade decorre do modo de vida e dos bens de consumo que o indivíduo consome ou produz e que as práticas culturais mencionadas podem ser perfeitamente preservadas em outros espaços que não o da terra natal, recuperadas por meio da memória ou simplesmente recriadas.

A autora afirma não compreender a identidade social como algo fixo e imutável, ou como algo decorrente de algum elemento constitutivo, de algum fator inerente que possa ser perdido.

A partir da perspectiva de identidade social já mencionada, Penna analisa o conceito de migração social e a trajetória do migrante durante seus deslocamentos.

“Faz-se necessário, portanto, considerar a migração enquanto um processo dinâmico de transformação (destruição/recriação) tanto do modo de vida e das relações com o espaço, quanto dos referenciais simbólicos (as representações⁹ de identidade) que marcavam a experiência social”. (PENNA,1998:109)

A autora nos faz compreender que muitas vezes esse processo constante de transformação do modo de vida, das relações com o espaço e da releitura dos referenciais simbólicos gera no migrante várias expectativas, capazes de desencadear uma resistência em relação ao local de origem.

“Acreditamos que a migração pode ser também uma forma de resistência: resistência a formas de exploração e dominação, às adversidades da natureza, à falta de perspectivas de vida; resistência, enfim, ao nível pessoal, à infelicidade e à destruição dos sonhos. Migrar, exercendo o direito de mudar de lugar, por ansiar por mudar de vida, como diz Póvoa Neto (1994:22). Migrar, em suma, para não se conformar. (PENNA, 1998: 104-105)

Sobre o migrante, Penna afirma que ele está constantemente em processo de busca e, ainda que retorne ao seu território de origem, retornará com novas experiências. Neste sentido, o

⁹ É importante mencionar que a autora compreende representação de identidade como sendo um processo ativo de elaboração simbólica, a partir de referenciais culturais e sociais disponíveis.

modo de vida e as práticas culturais anteriores ganharão novos significados, uma vez que irão se confrontar com as novas experiências vivenciadas.

A autora revela também que o migrante não está restrito ao lugar de origem, mas faz dele um dos referenciais para compreender sua história no presente.

Neste sentido, ela cita Bezerra de Menezes para justificar suas afirmações:

“Ser de um certo lugar não expressa necessariamente vínculo de propriedade, mas sim uma rede de relações, com base na qual o espaço pode funcionar como suporte de comunicação, de inter-relação, de organização de sentido. Sendo assim, as andanças de um migrante, em seus sucessivos deslocamentos, constituem um contínuo processo de transformação- destruição e recriação- de tais redes de relações. Relações que podem ser construídas sobre múltiplas bases e que não necessariamente são “medidas” pelo lugar de origem. Relações, enfim, que podem ser construídas com um lugar “adotado”. (MENEZES, 1987:188 apud PENNA, 1998:106)

Pelo fato da migração implicar na (re)construção de referenciais de vida, muitas vezes este processo é analisado em termos de perda de identidade. Suposição desconstruída através da reflexão de Penna sobre o desenraizamento. Ao analisar as noções de perda de identidade, por uma perspectiva que não a da perda de raízes, a autora toma por referência a experiência social e pessoal do migrante recuperada através dos relatos que o mesmo faz de sua vida.

Deste modo, Penna questiona a existência de raízes puras e menciona os pré-conceitos encontrados nos estudos de muitos pesquisadores do tema, já que estes muitas vezes constroem um referencial de análise que não considera a experiência do migrante como um todo, mas sim, apenas em termos de perdas em relação às raízes, a princípio, firmadas na terra natal através dos laços familiares e da vivência comunitária que permitem a construção e o compartilhamento de práticas culturais valoradas como positivas.

Em perspectiva contrária à migração como sendo, a princípio, desenraizante, ela questiona se a referência a raízes puras, que muitas vezes subentende a noção de perda de identidade, não

seria uma idealização, já que frequentemente não há enraizamento propriamente dito no lugar de origem. Deste modo, menciona a experiência de exclusão do migrante.

“(...) a experiência no lugar de origem é também marcada pela exclusão em relação ao sistema social, político e econômico vigente: a impossibilidade de acesso à terra, a pobreza, a falta de recursos para enfrentar os problemas da natureza” (PENNA, 1998:94)

“Por motivos diversos, os laços (rede de relações) com o lugar de origem já estão enfraquecidos quando a esperança – mesmo que ilusória de uma vida melhor de sobreposição à vivência do momento, impelido à migração” (PENNA, 1998:94)

Apresentados os conceitos de identidade e as noções de perda de identidade, Penna afirma ser a trajetória de exclusão do indivíduo migrante a responsável pela limitação das possibilidades de construção de uma identidade valorada socialmente de maneira positiva em relação a um referencial distinto do de origem.

“É a trajetória de exclusão, pela posição de classe, que dificulta ou mesmo impede a construção dessa rede de relações” (PENNA, 1998:107)

“O migrante pode ter consciência da exclusão sofrida. As condições para estabelecer redes de relações no/com o novo espaço são bastante diferenciadas quando se trata de migrantes de outra origem social que têm acesso a bens materiais e culturais, à educação e profissionalização” (PENNA, 1998:107)

A autora afirma que a representação de identidade encontra-se vinculada à problemática do reconhecimento social. Em relação a este último, a autora nos fala sobre duas direções que nem sempre são coincidentes: o autorreconhecimento e alteratribuição de identidade. Nestas duas

direções, as práticas culturais podem ser apreendidas, interpretadas e valoradas de maneiras diferentes.

Ao considerar, portanto, a migração como processo dinâmico de transformação do modo de vida e das relações com o espaço, Penna enfatiza a necessidade do migrante se desvincular do modelo de identidade pressuposto pelo pesquisador, no qual é notória a noção de perdas, já que este último, ao valorizar em demasia o momento histórico anterior, não considera a história como sendo um processo dinâmico que interfere nas vivências comunitárias necessárias ao enraizamento. Nestas condições, a autora afirma:

“Desta forma, a idéia de ‘perda de identidade’ pode ser reapropriada enquanto quebra de parâmetros fixados de relação com o mundo, expressos nas formas de se reconhecer e ser reconhecido, firmados numa dada representação(de identidade) estabelecida e por vezes instituída.” (PENNA,1998:109)

Neste sentido, fica evidente, por meio de Penna, que a migração implica na (re)construção dos referenciais de vida de quem parte em busca de um novo lugar, seja ele físico ou cultural e ideológico. Há de se salientar, porém, que essa (re)construção de referenciais não elimina a interferência daqueles determinados historicamente pela sociedade para cada classe social, profissional,etc.

“Há portanto, um estreito vínculo entre a construção de identidades e as condições de existência, a cultura e as relações sociais. Isto não exclui a possibilidade de elaboração pessoal da realidade, mas esta tem sua flexibilidade limitada, pois se dará pela manipulação dos referenciais disponíveis na sociedade determinada em que o indivíduo vive, em um dado momento histórico(...) Assim, é a trajetória de exclusão do migrante que limita as suas possibilidades de construção de uma identidade valorada socialmente de modo positivo, com base em um referencial

outro que o espaço de origem- como por exemplo, a atividade profissional”. (PENNA, 1998: 108)

É necessário, portanto, salientarmos que, independentemente da perspectiva migratória, geográfica, como no caso dos trabalhadores rurais nordestinos estudados por Penna, ou ideológica, como no caso do objeto de estudo dessa monografia, Gabriel O Pensador, a migração implica na (re)construção dos referenciais vinculados à “terra natal”, entendida aqui como raízes/origens. Deste modo, a aceitação desses migrantes como partes constitutivas do novo grupo e espaço assimilados, muito dependerá do reconhecimento social por parte deste último, uma vez que, como vimos no artigo de Penna, a trajetória de exclusão do indivíduo migrante é a responsável pela limitação das possibilidades de construção de uma identidade valorada de maneira positiva pela sociedade em relação ao novo espaço social, geográfico ou ideológico, ocupado por ele. Ainda assim, é importante que o migrante, independente da perspectiva de sua migração se desvincule do modelo de identidade social no qual é pressuposta a noção de perdas e, neste sentido, ao invés de pensar a relação com o antigo espaço em termos de um ideal de resgate, pense-a em termos de descoberta e reelaboração de seus ideais identificatórios.

5.2 - PRINCÍPIOS TEÓRICOS DA SEMIÓTICA GREIMASIANA

O presente trabalho realiza uma análise do percurso de construção de sentido nas composições de Gabriel O Pensador através de uma perspectiva da semiótica greimasiana, que será melhor explicada nesta seção.

Esta linha de pesquisa ainda é pouco utilizada no Brasil, mas, atualmente, está em movimento crescente de utilização nas grandes instituições de pesquisa interessadas no estudo da linguagem. Alguns pesquisadores nacionais se destacam como referência nos estudos atuais da semiótica, entre eles o professor Luis Tatit, responsável pela inauguração da semiótica musical, e a professora Diana Luz Pessoa de Barros, sendo que esta última nos concederá os instrumentos teóricos necessários para as análises que serão feitas neste trabalho.

Alguns motivos nos conduziram à escolha da semiótica greimasiana como fundamentação teórica para nossas análises, entre eles seu o interesse por tudo que faz sentido para o ser humano,

permitindo, assim, a análise de discursos das mais variadas naturezas: políticos, econômicos, musicais, religiosos, entre outros.

Podemos também afirmar que alguns princípios deste estudo serão de fundamental importância quando desenvolvermos as comparações de campo semântico entre as composições de Gabriel O Pensador e as do grupo Racionais MC's.

O interesse da semiótica greimasiana em explicar o que o texto diz e como faz para dizer o que diz, atentando-se principalmente ao seu plano de conteúdo, será de fundamental importância nos nossos estudos, uma vez que nos direcionará ao percurso de geração de sentido construído nas composições em estudo nesta monografia.

Outro motivo que nos direcionou à opção por esta orientação teórica, deve-se à visão concedida ao estudo da narrativa como *mudança de estados operada pelo fazer transformador de um sujeito que age no e sobre o mundo em busca de valores investidos nos objetos*.¹⁰. Neste sentido, compreendemos, aqui, o *rap* como sendo uma narrativa no sentido concedido por Guimarães:

“Construímos uma identidade como uma narrativa de nós mesmos e também para o outro. Nesse sentido, a identidade é inseparável de uma narrativa e o rap – como narrativa da vida dos jovens negros, excluídos, das periferias dos grandes centros urbanos – aparece como uma forma de construção da identidade desses jovens”. (GUIMARÃES, 2007:175)

Ainda no que se refere à semiótica, é importante mencionarmos que a semiótica francesa fundada por Greimas não é a única vertente teórica da semiótica, uma vez que encontramos outras, como, a Semiótica Perciana e a Escola de Tartu.

Ressaltamos, também, que não é nosso intuito nos aprofundarmos em demasia no estudo semiótico, nem tampouco esgotarmos seu aparato teórico, uma vez que ele é bem mais amplo e complexo do que as análises que serão feitas aqui. Lembramos que pelo fato da semiótica ser uma teoria em constante aperfeiçoamento, atualização e modificação, seria impossível dar conta de toda a complexidade de seus estudos.

¹⁰ (Barros, 2007: 16)

Dados os esclarecimentos iniciais sobre nosso interesse na teoria semiótica do texto (greimasiana) e sua fundamental importância em nosso trabalho, devemos explicar como esta linha teórica estrutura os procedimentos teóricos referentes ao estudo do texto.

Greimas, lingüista lituano de origem russa, inaugurou uma linha de estudos semióticos conhecida como Semiótica Greimasiana ou Teoria da Significação que procura além de interpretar um texto, construir e desconstruir os seus sentidos.

Esta vertente da semiótica se insere no quadro das teorias que se preocupam com o texto¹¹, sendo que compreende o texto como um objeto de significação e de comunicação:

“Um texto defini-se de duas maneiras que se complementam: pela organização ou estruturação que faz dele um ‘todo de sentido’, como objeto de comunicação entre um destinatador e um destinatário”.(BARROS, 2007:7)

Barros (2007), ao definir o texto neta concepção semiótica, complementa que ele pode ser lingüístico- oral ou escrito(poesia, editorial de jornal,oração, discurso político, sermão)-visual ou gestual (aquarela, pintura, dança) ou um texto sincrético de mais de uma expressão artística (histórias em quadrinho, filme, canção popular).

Todas essas variadas manifestações textuais, de acordo com a teoria semiótica, devem ser abstraídas para que o texto seja analisado no seu *plano de conteúdo* e assim ser explicado através de um *Percurso Gerativo de Sentido* (PGS). Deste modo, Greimas explica que diferentes planos de expressão da linguagem podem manifestar conteúdos idênticos. Portanto, a semiótica greimasiana interessa-se pela análise estrutural do texto, voltada, em primeiro lugar, para o plano do conteúdo.

A teoria semiótica proposta por Greimas procura compreender a produção de sentido de um texto de maneira a privilegiar a relação entre as unidades estruturais que o constituem. Sendo que, estas últimas são responsáveis pelo sentido presente no texto e pela sua significação. Assim, longe de prender-se a sistemas sígnicos, a semiótica compreende o texto como um todo de significações fundamentadas na relação tecida em suas unidades estruturais.

¹¹ (BARROS, 2007:05)

Barros nos revela que a semiótica se encarrega de explicar ‘o que o texto diz’ e ‘como diz’ em seu plano de conteúdo, assim, trata de examinar os procedimentos da organização textual e, ao mesmo tempo, os mecanismos enunciativos de produção e recepção do texto.¹²

Desta maneira, por meio do plano de conteúdo de um texto é possível perceber e atentar-se aos detalhes de sua produção de sentido.

“A semiótica deve ser assim entendida como a teoria que procura explicar o ou os sentidos do texto em exame, em primeiro lugar, de seu plano de conteúdo”. (BARROS, 2007:8)

“Pretendemos nos ater ao plano do conteúdo desses textos, lugar em que a semiótica concentrou seus mais produtivos esforços de modalização ao longo desses anos, para não levantarmos, nesta oportunidade, questões de ordem poética ou artística que desvirtuariam a finalidade do trabalho”. (TATIT, 2001:14)

Ao preocupar-se com o sentido do texto, a semiótica procura levantar o percurso de geração de sentido, de modo a observar os procedimentos/mecanismos do seu plano de conteúdo, divididos por Barros em três níveis que fundamentam o *Percurso de Geração de Sentido* fundado por Greimas: nível fundamental, nível narrativo e nível discursivo.

O PGS de estudo do texto¹³ se dá do nível mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto.

O nível fundamental, mais simples e abstrato, é o ponto de partida do percurso de geração de sentido de um texto e nele determina-se o mínimo de sentido que constrói o discurso, sempre por meio de uma oposição semântica mínima. Neste nível, os termos que determinam a oposição semântica mínima responsável por gerar sentido são considerados positivos/atraentes/eufóricos ou negativos/repulsivos/disfóricos, de acordo com as relações que tecem com os sujeitos da narrativa.

¹²(BARROS, 2007:7)

¹³(BARROS,2007)

O sentido do texto no nível fundamental, portanto, está presente na relação entre dois termos distintos, sendo que as características presentes em um, podem ou não se fazerem presentes no outro e, ainda que se façam presentes, acontecem de maneira diferenciada, já que os valores atribuídos não são idênticos.

No nível narrativo, etapa intermediária do PGS, o sentido do texto se organiza em programas que envolvem sujeitos e objetos, onde os primeiros atribuem valores aos últimos. O sujeito realiza operações na narrativa visando objetos que podem transformá-lo. Geralmente, os sujeitos apresentam-se eufóricos -em estado de busca ou conjunção- ou disfóricos - em estado de relaxamento ou disjunção, sempre em relação ao objeto almejado.

Na última etapa do percurso gerativo de sentido, encontra-se o nível discursivo, Este é o nível mais recente do percurso gerativo, com teorizações menos estabilizadas que nos demais, nele:

“O sujeito da enunciação faz uma série de escolhas de pessoa, tempo, espaço, de figuras e “conta” ou passa a narrativa, transformando-a em discurso [...] a narrativa enriquecida por todas essas opções do sujeito da enunciação, que marcam os diferentes modos pelos quais a enunciado se relaciona com o discurso que enuncia”.
(BARROS, 2007:53).

Nosso interesse deve, no entanto, atentar-se à prática da busca por descobertas do sentido de um texto durante seu processo de geração, antes mesmo da categorização das etapas deste percurso (fundamental, narrativa e discursiva). Neste sentido, Tatit, em *Análise Semiótica Através das Letras*, nos lembra que:

“Saber alojar cada categoria em seu respectivo nível, predefinido pelo modelo (discursivo, narrativo, etc.) é bem menos importante do que o exercício de busca das categorias e articulações pressupostas. Este nos parece ser o verdadeiro fazer semiótico na medida em que permite ao analista conjugar o emprego dos conceitos já consagrados pela teoria com uma constante revisão de sua coerência e rendimento numa descrição específica”

Barros também nos lembra que partindo do princípio de que todo discurso procura persuadir seu destinatário de que é verdadeiro (ou falso), os mecanismos discursivos neste nível do PGS apresentam a finalidade de “criar a ilusão de verdade, principalmente por meio dos efeitos capazes de convencerem de sua verdade: o de proximidade e o de distanciamento da enunciação.

No que diz respeito às principais polêmicas entre os estudos teóricos que se interessam pela linguagem, há uma divergência de opinião entre as correntes teóricas que procuram analisar os mecanismos estruturais internos de um texto e aquelas que procuram estudar apenas o seu contexto de produção. Barros nos revela que os primeiros são acusados de reducionismo, enquanto os segundos de subjetividade e de confundirem a análise do texto com outras análises. Nestas condições, ela nos lembra as condições de existência de um texto:

“O texto só existe quando concebido na dualidade que o define- objeto de significação e objeto de comunicação – e, dessa forma, o estudo do texto com vistas à construção de seu ou de seus sentidos só pode ser entrevisto como o exame tanto dos mecanismos internos quanto dos fatores contextuais ou sócio-históricos de fabricação do sentido”.
(BARROS, 2007:7)

Em seus estudos atuais, a semiótica procura estudar o texto de uma maneira global que incorpore tanto os aspectos estruturais, quanto suas condições de produção e enunciação, que contribuem para a produção de sentido do texto. Deste modo, as condições de produção, longe de serem descartáveis, são um algo a mais no estudo semiótico, pautado principalmente no plano de conteúdo do texto.

“A semiótica sabe da necessidade de uma teoria geral do texto e reconhece suas dificuldades. (...) Propõe, como primeiro passo para a análise, que se faça abstração das diferentes manifestações- visuais, gestuais, verbais ou sincréticas- e que se examine apenas seu plano do conteúdo. As especificidades da expressão, na sua relação com o

conteúdo, serão estudadas posteriormente". (BARROS, 2007:8)

6 – ANÁLISES DAS COMPOSIÇÕES

6.1 RACISMO É BURRICE (NOVA VERSÃO DE LAVAGEM CEREBRAL)

A composição *Racismo é burrice* é uma crítica à prática de comportamentos racistas, preconceituosos e discriminatórios em geral. Tendo isto em vista, o compositor estabelece um diálogo com os cidadãos brasileiros que fazem uso destes comportamentos e, a partir deste diálogo, condena toda e qualquer espécie de prática discriminatória.

No que diz respeito ao nível das estruturas fundamentais, aquele em que se determina a significação como uma oposição semântica mínima¹⁴, na composição *Racismo é burrice* a referida oposição semântica é determinada pelas seguintes categorias fundamentais:

Racismo vs inteligência

O campo semântico que nos aponta a categoria fundamental “inteligência” - e que representa na composição em análise a ausência de sabedoria e sensatez quando se promove atitudes preconceituosas - aparece no texto em vários momentos: “*racismo é burrice*”, “*essa gente do Brasil é muito burra*”, “*é uma burrice coletiva sem explicação*” e “*o racista na verdade é um tremendo babaca, que assimila o preconceito porque tem cabeça fraca*”.

É importante observar que a categoria fundamental “racismo”, empregada por Gabriel O Pensador, representa um campo semântico que não se limita somente ao racismo em relação à etnia, mas inclui também preconceito profissional e discriminação de classe social. Alguns termos e expressões designam, na composição, esse campo semântico: “*burrice coletiva*”, “*burrice estampada no peito*”, “*gente muito burra*”, “*lavagem cerebral*”, “*coisa sem sentido*”, “*o pior cego é aquele que não quer ver*”, “*racista é um tremendo babaca*”, “*povão bundão*”, “*nossa ignorância*”, “*estupidez*” e “*lixo que é uma herança cultural*”.

As categorias fundamentais são determinadas como negativas ou disfóricas¹⁵. Assim, na composição, a tolerância racial aparece em sentido eufórico (ainda que alguns termos utilizados

¹⁴ (BARROS, 2007:9)

¹⁵ (BARROS, 2007:10)

para demonstrar esse sentido positivo sejam disfóricos), já os momentos em que o autor polemiza o racismo soam como disfóricos, sendo que esses últimos tomam a maior parte da composição.

Passa-se na composição em exame do “racismo negativo” à “inteligência (representando a tolerância racial e de classe social) positiva”.

No que diz respeito ao nível das estruturas narrativas, devemos recordar o que diz Barros (2007):

“No segundo patamar, nível das estruturas narrativas, os elementos das oposições semânticas fundamentais são assumidos como valores por um sujeito e circulam entre sujeitos, graças à ação de também sujeitos” (BARROS, 2006:11)

De acordo com os princípios descritos acima, o sujeito-narrador (Gabriel o Pensador), busca transformar pela sua própria ação de compor o *rap*, estados de racismo e preconceito (objeto de valor negativo) em estados de tolerância e harmonia racial e de classe social(objeto de valor positivo), de maneira que estes últimos possam circular na sociedade e possam ser incorporados por ela.

É importante salientar que não se trata de afirmar ou negar conteúdos destacando positivamente a tolerância e recusando o preconceito, mas, como nos aponta Barros (2007), de transformar, pela ação do sujeito, estados de preconceito e racismo em estados de tolerância racial e de classe social.

Tendo isto em vista, o sujeito narrador conta a história do povo brasileiro que marcado pela escravidão durante muitos anos, hoje dá sinais de racismo e intolerância racial

*“Essa gente do Brasil é muito burra
e não enxerga um palmo á sua frente,
porque se fosse inteligente esse povo já teria agido de forma
mais consciente
eliminando da mente todo preconceito”*

O sujeito de fazer refere-se ao sujeito narrador, enquanto que o sujeito de estado refere-se à nação de brasileiros, para verificarmos essa afirmação podemos lembrar que o “objeto de uma transformação é sempre um sujeito de estado”.¹⁶

Por meio de enunciados de fazer, há uma tentativa de transformação, operada pelo sujeito autor, na relação dos brasileiros com o racismo. Entre esses enunciados podemos mencionar “*Olhe a nossa história*” e “*Se você discorda então olhe pra trás...*”.

No que diz respeito ao programa narrativo principal, o sujeito de fazer (Gabriel O Pensador) tenta operar uma relação em que o “povo brasileiro” (sujeito de estado) esteja em estado de conjunção com o objeto de valor (a tolerância racial e conseqüente inteligência), porém o “povo brasileiro” apresenta-se justamente em posição contrária ao sentido orientado pelo sujeito narrador da composição, ou seja, apresenta-se em disjunção com o objeto de valor, mostrando-se preconceituoso e “burro”.

Em *Racismo é burrice*, os valores investidos no sujeito são modais, como o dever, o querer, o poder e o saber, que modalizam ou modificam a relação do sujeito com os valores e os fazeres¹⁷.

Devemos lembrar de que se trata de um programa narrativo de competência, uma vez que o sujeito de fazer e o sujeito de estado são realizados por atores diferentes e há uma doação de valores modais por parte do sujeito do fazer. Nestas condições, o sujeito narrador procura “doar” uma série de valores que julga serem adequados ao comportamento dos brasileiros em relação ao preconceito.

Em síntese, a “gente brasileira” (sujeito de estado) recebe do narrador (sujeito de fazer) uma doação *de* valores modais (dever, querer, poder, saber) e dessa maneira, torna-se capacitada a agir ou ao menos pensar de maneira diferente.

No que se refere ao nível das estruturas discursivas, aquela em que as estruturas discursivas são assumidas pelo sujeito da enunciação, o discurso projetado está em primeira pessoa, embora o sujeito narrador procure utilizar um discurso mais neutro, uma vez que são poucas as marcas linguísticas em primeira pessoa.

¹⁶ (BARROS, 2006: 19)

¹⁷ (BARROS, 2006: 22)

O sujeito manipulado, “o povo brasileiro”, está determinado várias vezes ao longo do discurso, sempre através do efeito de generalização. Não se trata de um modelo de texto figurativo ou que admita leituras temáticas figurativas, uma vez que o sentido do texto está claramente expresso por meio das oposições semânticas fundamentais assumidas como valores narrativos.

Há, ainda, uma preocupação por parte do sujeito narrador em neutralizar o racismo por meio de alguns recursos sintáticos e através de uma breve contextualização histórica, na qual o sujeito-narrador procura, por meio de conselhos, convencer um interlocutor preconceituoso a despir-se de tal prática.

➤ Uso de imperativos

Devemos lembrar que o uso do imperativo é bastante comum no *rap*:

“O imperativo também reforça a presentificação da situação de diálogo, principalmente quando o interlocutário é nomeado. O imperativo é um apelo direto feito ao interlocutário pelo interlocutor. Quando o imperativo aparece, a melodia apresenta concomitantemente uma ascendência na entonação, típica da interrogação, causando a impressão de que a seguir deverá ser dada uma resposta. Este recurso provoca no ouvinte um estado de atenção(...) O ouvinte entenderá a canção como uma ordem a ser cumprida”. (FARIAS, 2003:26)

Alguns imperativos utilizados em *Racismo é Burrice* são:

“Não seja um imbecil”;

“Não seja um ignorante”;

“Não se importe com a origem ou a cor de seu semelhante”;

“Olhe a nossa história”;

“Tire a burrice do peito”.

➤ Perguntas reflexivas

“O que importa se ele é nordestino e você é branco?”;

“O que importa se ele é preto e você é branco?”;

“Nascemos da mistura então porque o preconceito?”.

➤ Contextualização histórica

“Olhe a nossa história, os nossos ancestrais”;

“A raiz do meu país era multirracial. Tinha índio, branco, amarelo, preto”.

6.1.1- RACISTAS OTÁRIOS

A composição *Racistas Otários* trata da questão do preconceito racial sofrido pelos moradores da periferia. O compositor nos fala das diferenças de qualidade de vida entre os moradores deste local - desprovidos de incentivos governamentais e sociais- e as pessoas de fora dele- geralmente assistidas de “benefícios e regalias”.

Através de um desenvolvimento bastante distinto de *Racismo é burrice*, na composição *Racistas Otários* do grupo Racionais MC’s a oposição semântica fundamental refere-se a

Racismo vs paz

O termo racismo é compreendido pelo grupo de *rap* exclusivamente como preconceito racial.

O campo semântico que demonstra a categoria fundamental “racismo” está atrelado à concepção de guerra em oposição à paz. Guerra aparece, aqui, como a perseguição, perturbação e discriminação por parte dos brancos “poderosos” em relação à população negra da periferia.

Há dois personagens fundamentais na música em exame: os “racistas otários” e os “meros cidadãos”.

O grupo de *rap* aproxima “racistas otários” dos termos “culpados”, “sistema racista e cruel” e “poderosos covardes desleais”. Enquanto que os “meros cidadãos” são caracterizados como “famílias pobres”, “gente carente”, “oprimidos”, “gente negra e carente”, “irmão”, “marionetes”, “filhos de pais sofridos” e “marginal padrão”.

Percebe-se que os termos semânticos selecionados pelo grupo para a criação de suas composições são mais “*fortes*” (no sentido de se mostrarem mais carregados semanticamente de tons disfóricos), diretos e imparciais que aqueles escolhidos por Gabriel O Pensador.

Encontramos uma série de expressões vernaculares e de “palavrões” utilizados em situações informais, que empregam expressões e vocabulários capazes de transmitir e reproduzir a realidade de violência e marginalização da periferia, da maneira mais fiel possível- embora também sejam amplamente utilizados em situações informais por todas as classes sociais em diversos contextos. Esta técnica de composição, aliás, é bastante comum no *rap*:

“(...) Podemos notar a forte presença da linguagem coloquial que permeia todo o texto. As gírias e as ‘frases feitas’(os clichês) são soluções encontradas pelo locutor para marcar o discurso direto no interior da canção.”

(FARIAS, 2003:24)

No que diz respeito às estruturas narrativas, os sujeitos-narradores dialogam com o(s) interlocutor(es) “racistas otários” e ao mesmo tempo com os seus “irmãos” indicando a ambos um comportamento a ser seguido: enquanto aos primeiros “ordenam” que os deixem em paz por meio de palavrões e termos disfóricos; aos segundos, por meio de uma linguagem mais terna e carinhosa e pedem um engajamento maior na luta pelas causas da população da periferia.

6.1.2 – ALGUNS ASPECTOS DISCURSIVOS IMPORTANTES EM *RACISMO É BURRICE* E *RACISTAS OTÁRIOS*

A música *Racismo é burrice*, escrita por Gabriel o Pensador, estabelece uma relação de similaridade com *Racistas otários*, uma vez que ambas aproximam-se pela temática de analisar o racismo na sociedade brasileira ao longo do tempo. Embora a temática seja a mesma, a forma de abordagem é bastante diferente.

Gabriel O Pensador, na referida música, constitui-se como um indivíduo alheio tanto à prática quanto ao sofrimento ocasionado pelo racismo, ou seja, ele critica o racismo de maneira externa à experiência gerada pelo preconceito. Nesse sentido, ele apenas descreve as experiências negativas que viu ou ouviu falar acerca do racismo, além de propor alterações, por vezes sutis, no

convívio entre diversas classes sociais, de modo a eliminar a prática discriminatória sistematizada há séculos.

Em sentido oposto, Mano Brown, compositor de Racistas Otários, enquanto membro integrante do grupo Racionais MC's e compartilhador da ideologia proposta pelo movimento do *hip hop*, posiciona sua crítica de maneira mais severa e, deste modo, relata experiências pessoais vividas por ele e pelo seu grupo, nas quais foram alvos de racismo. Mano Brown, diferentemente de O Pensador, demonstra uma visão bastante negativa no que se refere à exterminação da prática de racismo e melhoria no padrão de vida da porcentagem negra da população brasileira.

“A realidade que é descrita nas letras de rap é uma realidade sem nenhuma idealização, sem nenhum retouque que a torne menos violenta, a descrição é “nua e crua”(...)¹⁸

Há de se lembrar ainda que o conteúdo apresentado na música do grupo de *rappers* aborda unicamente o preconceito racial, enquanto O Pensador analisa diferentes formas de preconceito, tais como o de raça, de região geográfica e de profissão.

O cantor e compositor de *rap* prefere não se posicionar em um grupo social específico ou parece não encontrar um espaço social no qual se inclua completamente.

Gabriel O Pensador inicia sua composição por meio de uma afirmação implícita que irá fundamentar sua composição: todos os brasileiros são iguais e apresentam a mesma origem, por isso não é possível admitir nenhum tipo de preconceito. O compositor enfatiza o que denomina de “burrice” do povo brasileiro em promover o preconceito e coloca-se em posição externa a tal prática: *“Essa gente do Brasil é muito burra e não enxerga um palmo a sua frente”*.

O Pensador também critica o comportamento da elite e prefere não se incluir na camada da população, de onde é oriundo, do ponto de vista financeiro: *“A 'elite' que devia dar um bom exemplo é a primeira a demonstrar esse tipo de sentimento num complexo de superioridade infantil ou justificando um sistema de relação servil”*.

Posteriormente, o *rapper* volta a criticar o comportamento da camada social mais desprovida financeiramente e aponta o que denomina de “lavagem cerebral” como uma possível solução para a eliminação do preconceito em nossa sociedade: *“E o povão vai como um bundão*

¹⁸ (GUIMARÃES, 1999: 41)

na onda do racismo e da discriminação. Não tem a união e não vê a solução da questão que por incrível que pareça está em nossas mãos”.

A concepção de “solução” proposta pelo compositor de *Racismo é Burrice*, não aparece na composição de mesma temática elaborada pelo grupo *Racionais MC's*, de modo que para esse último a sociedade brasileira estará condenada eternamente à prática do racismo.

O refrão “*Racismo é burrice*”, que é idêntico ao título da música de Gabriel O Pensador e que se repetirá várias vezes ao longo da composição, é sucinto, vago e imparcial, enquanto que na música de Mano Brown, apesar de apresentar semelhante extensão, o refrão nos indica uma orientação precisa e direta: “*Racistas otários nos deixem em paz*”.

Em relação às estruturas discursivas, o refrão da composição *Racistas Otários* apresenta um discurso na primeira pessoa do plural, no qual os sujeitos-narradores representam os interesses de todos os moradores da periferia; enquanto que em *Racismo é burrice* não há marcas lingüísticas determinadas referentes à presença dos sujeitos envolvidos na composição. Como visto, projeta-se um discurso de orientação imparcial. Neste sentido, Gabriel O Pensador, no título e refrão de sua composição, apenas apresenta um argumento de maneira a expressar uma crítica, enquanto Mano Brown, mais que um pedido, estabelece uma ordem àqueles que nomeia de “racistas otários”, ou seja, estabelece um diálogo direto com esses últimos.

Racismo é burrice nos revela a opinião do *rapper* carioca de que todos os brasileiros possuem a mesma origem racial.

“(...) O Brasil colonial não era igual a Portugal

A raiz do meu país era multirracial

Tinha índio, branco, amarelo, preto

Nascemos da mistura, então por que o preconceito?(...)”

É interessante ressaltar que embora O Pensador tenha apresentado dificuldades de incluir-se em algum segmento social como percebido na primeira estrofe da composição, aqui ele se assume enquanto brasileiro e assume também sua história e ancestralidade por meio do uso de pronomes possessivos e de imperativos: “*Olhe a nossa história, os nossos ancestrais. O Brasil colonial não era igual a Portugal. A raiz do meu país era multirracial*” e “*Nascemos da mistura, então por que o preconceito?*”. Mais adiante, ao enfatizar seu posicionamento contrário ao preconceito, ele se coloca mais uma vez alheio aos segmentos sociais mencionados que

propagam tais práticas: “(...)Então presta atenção nessa sua babaquice, pois como eu já disse racismo é burrice. Dê à ignorância um ponto final: Faça uma lavagem cerebral”.

É notório que o cantor e compositor carioca neutraliza a dicotomia negro *versus* branco: “Aliás, branco no Brasil é difícil, porque no Brasil somos todos mestiços”. Mano Brown, à medida dos outros *rappers* reafirma tal dicotomia.

Em relação ao interlocutor, em *Racismo é burrice* é possível perceber, pela contextualização lexical que O Pensador dialoga com alguém branco de classe social média ou alta: “Me responda se você discriminaria o Juiz Lalau ou o PC Farias. Não, você não faria isso não. Você aprendeu que preto é ladrão. Muitos negros roubam, mas muitos são roubados, e cuidado com esse branco parado do seu lado”. Dessa maneira, ele estabelece quase que um sermão ao seu interlocutor acerca do comportamento deste último em relação a práticas discriminatórias internalizadas pela sociedade.

Embora o compositor ressalte a existência de diferentes práticas de preconceito e de discriminação, tentando atribuir a todos o mesmo valor negativo, o preconceito racial é o mais evidente e recorrente em sua composição. Provavelmente pelo fato de ser um *rapper* atípico, cujo perfil já foi apresentado, o compositor carioca se incomode com essa questão social e com as críticas vinculadas a sua imagem pelo fato de não “pertencer” ao que seria “perfil padrão” de compositor do gênero musical *rap*. Assim, aborda o problema do preconceito racial em maior intensidade em relação às outras espécies de preconceito.

A música pode ser encarada como um desabafo de O Pensador no que refere à dicotomia evidente entre brancos e negros que a maioria dos grupos de rap enfatiza em suas composições.

Deste modo, em algumas partes da música encontramos um discurso bastante romantizado no que se refere à harmonia e tolerância racial por parte do compositor: “... então que morra o preconceito e viva a união racial”. Nas composições do grupo Racionais MC's é inadmissível tal concepção de união racial.

Em direção oposta, Mano Brown reafirma as disparidades entre as diferentes classes sociais e reconhece a falta de informação das famílias pobres da periferia acerca da reivindicação de igualdade de direitos. Assim, inclui-se no grupo dos que anseiam por igualdade: “Queremos ser iguais. Racistas otários nos deixem em paz”. Deste modo, o *rapper* dos Racionais MC's, reconhece a existência de um sistema do qual sua comunidade está alheia: “... somos meros cidadãos e eles o sistema”.

Mano Brown reconhece também a existência da parcela de brancos na periferia, porém ao contrário de O Pensador, ele não suaviza a dicotomia branco *versus* negro:

“Os sociólogos preferem ser imparciais e dizem ser financeiro o nosso dilema. Mas se analisarmos bem mais você descobre que negro e branco pobre se parecem, mas não são iguais”.

O artigo *As dores do pós-colonialismo* de Santos (2006) publicado no Jornal *Folha de São Paulo*, complementa a noção de pertencimento a um determinado grupo que se constrói pela idéia de igualdade/diferença:

“(...) Os agentes dessas lutas distinguem-se dos seus antecessores por duas razões. Em primeiro lugar, empenham-se na luta simultânea pela igualdade e pelo reconhecimento da diferença. Reivindicam o direito de ser iguais quando a diferença os inferioriza e o direito de ser diferentes quando a igualdade os descaracteriza”.

Por fim, Mano Brown é irônico no desfecho de sua composição. Ironia esta, de orientação pessimista, ao revelar um preconceito velado por parte dos cidadãos brasileiros: *“O Brasil é um país tropical. Onde as raças se misturam naturalmente. E não há preconceito social. Ha, ha...”*.

De maneira geral, ao contrastar as duas composições de *rap* percebemos que Gabriel O Pensador tenta suavizar as diferenças raciais, enquanto o grupo Racionais MC's as enfatiza o tempo todo. O Pensador apresenta uma visão mais otimista acerca de possíveis soluções para o combate ao preconceito racial e de classe social, enquanto o grupo Racionais MC's mostra-se mais pessimista em relação à mudança de conduta da população brasileira. O compositor carioca tenta igualar várias formas de preconceito e discriminação social e racial, embora a maior parte de sua composição aborde a intolerância racial. Já o grupo de rap paulistano é bastante objetivo e específico ao abordar unicamente o racismo. O Pensador coloca-se em uma posição alheia às práticas discriminatórias, tanto de sofrer quanto de promover, tornando sua composição bastante neutra e descritiva, já Racionais MC's constituem-se enquanto integrantes ativos do movimento *hip hop* e da realidade da periferia, projetando um discurso em primeira pessoa.

6.2 – BRASIL 500

A composição *Brasil 500* revela algumas antíteses encontradas na história oficial do Brasil por meio de uma perspectiva esperançosa em relação ao futuro.

No que diz respeito ao nível das estruturas fundamentais, a composição Brasil 500 não apresenta uma oposição semântica fundamental, mas sim eixos temáticos que caracterizam positiva ou negativamente o processo de transformação pelo qual o Brasil passou nos últimos quinhentos anos.

No início da composição encontramos termos eufóricos que caracterizam o processo de transformação do Brasil ao longo dos quinhentos anos de descobrimento: vida; sobrevivência; história; experiência e batalhas. Os termos mencionados representam a idéia de quinhentos anos de aprendizado e luta (superação) através da experiência adquirida em meio a processos conflituosos, como foi a colonização e a escravidão que aconteceram no Brasil e os conflitos atuais que englobam vários problemas sociais.

Estes conflitos são apresentados no texto em forma de antíteses: batalhas, derrotas e vitórias; desordem e progresso; fracasso, sucesso; dor e alegria; tristeza e paixão.

O sujeito autor expressa em seu texto um sentimento de revolta em relação à história oficial do Brasil e suas conseqüências, porém, tal sentimento segue acompanhado de esperança e otimismo no que diz respeito ao futuro da nação brasileira: “Eu odeio tudo isso, mas eu tenho que saber o que eu leio no jornal e eu vejo na tv. Eu odeio tudo isso, mas eu tenho que vencer”; “O que eu vejo no jornal não me deixa feliz, mas não mudo de canal e não mudo de país” e “eu tenho medo porque o medo está no ar, mas ainda é cedo pra deixar tudo pra lá”.

O sujeito autor aponta como possibilidade de mudança para os problemas dos cidadãos brasileiros, embora a deixe subentendida, encarar a realidade de frente e “ir à luta”. Vejamos trechos que exemplificam o processo transformador que o sujeito autor tenta instaurar no sujeito de fazer (interlocutores, que são o povo brasileiro):

“Não adianta ficar aqui à toa, só esperando pra ouvir notícia boa, o que se planta é o que se colhe, o futuro é um presente que a gente mesmo escolhe, a semente já está no nosso chão, agora é só regar com o coração”.

“A transformação da revolta em amor , faz a água virar vinho e o espinho virar flor”.

“Nem todos que sonharam conseguiram, mas para conseguir é preciso sonhar”.

A composição nos revela a idéia de que a construção da história da nação brasileira é um processo constante, inacabado e os habitantes deste solo devem lutar constantemente para extinguir os problemas histórico-político-sociais. O sujeito autor, neste sentido, generaliza seu sentimento de necessária luta transformadora a todos os brasileiros que designa de “guerreiros”.

De maneira geral, os eixos temáticos que caracterizam o processo de transformação intercalam-se entre eufóricos e disfóricos. Ainda assim, mesmo os termos disfóricos, apresentam orientação esperançosa. No texto em questão passa-se da experiência histórica de derrotas e sofrimento à esperança de transformação desde que seja por meio da atitude de luta dos interlocutores da composição.

Neste sentido, em síntese, no programa narrativo principal o sujeito de fazer é o sujeito narrador-autor da composição. O sujeito de fazer reflete sobre a história dos quinhentos anos da colonização brasileira, seus prós e contras. Ele tenta operar um sentimento de luta e esperança (em relação às possíveis mudanças na história do Brasil) no sujeito de estado- brasileiros, em geral. Por sua vez, o sujeito de estado recebe do sujeito de fazer várias orientações e valores modais que, ao seu ver são capazes de operar transformações positivas na nação brasileira.

“Não adianta ficar aqui à toa, só esperando pra ouvir notícia boa, o que se planta é o que se colhe, o futuro é um presente que a gente mesmo escolhe, a semente já está no nosso chão, agora é só regar com o coração”.

“Nem todos que sonharam conseguiram, mas para conseguir é preciso sonhar”.

6.2.1 – OTUS 500

A composição Otus 500 aborda o tema dos 500 anos de descobrimento do Brasil, através de uma perspectiva de cidadãos que foram deixados à margem da sociedade durante o processo

de colonização brasileira. Neste sentido, a perspectiva utilizada na elaboração da composição *Otus 500* é menos idealizada que aquela utilizada na composição *Brasil 500*, estudada anteriormente.

No nível das estruturas fundamentais, a composição *Otus 500*, apresenta como oposição semântica fundamental a desigualdade entre periferia e classe média como decorrência do processo de colonização do Brasil.

Os termos e expressões empregados são inteiramente disfóricos: “500 anos... tudo igual...”, “o diabo já está aqui”; “o Brasil é uma vergonha”; “polícia fuma pedra moleque fuma maconha”; “A dificuldade entra em cena outra vez”; “cansou de ser ingênuo humilde e pacato, encapuçou virou bandido”.

O sujeito de fazer refere-se aos moradores da periferia. Assim, alguns termos aparecem no texto caracterizando os mesmos: “senzala”, “predador”, “bandido”, “de desempregado a homem de negócio” e “novo sócio”.

O sujeito de estado refere-se aos brasileiros mais “elitizados”, caracterizados no texto como: “playboy”, “mauricinho” e “doutor”

O sujeito de fazer, ao invés de tentar operar mudanças, dialoga com o sujeito de estado e, de maneira disfórica e irônica, tenta justificar os “ataques” sofridos pela classe média, assim como a atual criminalidade no Brasil. De maneira sutil dá a entender que os assaltos nada mais são que uma forma de vingar-se daqueles que durante centenas de anos submeteram a periferia ao completo descaso e marginalização e escravidão:

“Enquanto isso playboy forgado anda assustado, deve tá pagando algum erro do passado”.

“Quem ontem era a caça, hoje pah é o predador que cansou de ser ingênuo humilde e pacato, encapuçou virou bandido e não deixa barato”.

“Mauricinho hoje paga o preço...Sem adereço, desconto ou perdão”.

“O que ele sonha até então tá na sua mão. De desempregado a homem de negócio”.

Novamente o sujeito autor nos transmite um sentimento de indignação com a história oficial do Brasil e suas conseqüências, que não é finalizado de maneira esperançosa e otimista,

mas sim com descaço, descrença e ironia em relação a mudanças sociais e um futuro melhor para a população brasileira, particularmente a parcela que habita a periferia.

6.2.2 ALGUNS ASPECTOS DISCURSIVOS EM *BRASIL 500* E *OTUS 500*

As composições em análise neste tópico abordam a temática dos 500 anos de descobrimento do Brasil através de procedimentos composicionais distintos.

Gabriel O Pensador em *Brasil 500* aborda o tema dos 500 anos de descobrimento através de uma perspectiva bastante esperançosa no que diz respeito ao futuro da nação brasileira. O cantor e compositor demonstra revolta em relação à história oficial do Brasil. No entanto, tal sentimento concede espaço à esperança e ao otimismo de um futuro melhor.

Racionais MC's tratam do mesmo tema, através da perspectiva dos cidadãos que foram ignorados pela sociedade e durante anos sofreram exploração e humilhação. Neste sentido, a seleção vocabular escolhida pelo grupo para *Otus 500* nada apresenta de otimismo e esperança, ao contrário demonstra caráter bastante disfórico. Novamente há um sentimento de revolta e indignação, porém tal sentimento é construído ao longo da composição de maneira menos idealizada e mais real.

Há um diálogo direto entre *Brasil 500* e *Otus 500* em vários aspectos: no tema da composição, na extensão da composição e em alguma falas. No que se refere a esta última semelhança notamos um diálogo entre os compositores nos seguintes versos:

“Eu tenho medo porque o medo está no ar” (Brasil 500)

“Enquanto isso playboy forgado anda assustado” (Otus 500)

É evidente também a ironia presente na composição de Racionais MC's que aborda o tema dos 500 anos de descobrimento do Brasil de maneira bastante irreverente.

O desfecho da composição *Otus 500* também revela-se irônico:

“De desempregado a homem de negócio

Pulou o muro já era

Agora é novo sócio”

De maneira bastante distinta Gabriel O Pensador concede ao desfecho de sua composição um teor mais filosófico e poético, parafraseando o grupo Legião Urbana:

*“Será só imaginação?
Será que nada vai acontecer?
Será que é tudo isso em vão?
Será que vamos conseguir vencer?
Nem todos que sonharam conseguiram, mas para conseguir
é preciso sonhar”*

6.3 – CANTÃO

A composição Cantão trata de momentos da infância de Gabriel O Pensador em que ele se aproximou do movimento *hip hop* através de contato com colegas do bairro Cantão. Um episódio em especial se destaca: uma festa concedida pelo Pequeno (mais tarde Gabriel O Pensador) em sua casa, na qual ele convida seus amigos do Bairro Cantão.

No nível das estruturas fundamentais a oposição semântica fundamental é estabelecida pelas categorias fundamentais Pequeno vs. galera. Enquanto a primeira categoria fundamental simboliza diversos aspectos e traços particulares da rotina de vida de Gabriel O Pensador, a segunda representa elementos de significado próprio à realidade da “galera do Cantão”, bairro de periferia carioca.

A categoria fundamental “Pequeno” aparece ao longo do texto aproximada de uma série de termos: molequinho, gente fina, moleque, filho de bacana, mora em uma mansão, tem piscina, mora em condomínio com segurança, mora de frente pro mar e dispõe de “grana”. Por sua vez, a categoria “galera” aparece ao longo do texto de maneiras distintas: mora no Cantão, galera lá do morro, neguinho, pretinho Janjão, nem, Baya, favela, mané, maluco e gente largada.

Ao longo da composição existem alguns elementos de aproximação dos “dois pólos”:

- O bairro Cantão

*“Eu sou do Cantão!
E lá não tem parada
Todo mundo é irmão, todo mundo é camarada
Eu sou do Cantão!”*

*E lá não tem caô
Todo mundo é peão, todo mundo é doutor
Eu sou do Cantão!
E lá não tem errada
Um aperto de mão vale mais que uma mesada
Eu sou do Cantão!
E lá não tem terror
Amizade não tem classe nem cor”*

- ❑ Skate

- ❑ Elementos encontrados na festa dada pelo Pequeno em sua residência: refri, cachorro, coxinha e gatinhas

- ❑ As atitudes do pequeno:

“É, a galera sempre aumenta”.

“É, o cara é gente fina”.

“Ele desce todo dia a pé pro Cantão”.

“Chega sozinho e todo mundo já conhece”.

“Pega o seu skate e vai direto pra favela”.

“É, nem parece que ele é filho de bacana. A aparência as vezes engana. Mas a grana no caso, não faz diferença. Muito pelo contrário, a grana é o de menos”.

“Todo mundo é irmão, todo mundo é camarada”.

“Amizade não tem classe nem cor”.

A oposição entre as categorias fundamentais se desmembra por meio de um percurso complexo ao longo da composição. Sendo assim, inicialmente encontramos a categoria fundamental “Pequeno”, inserida no contexto de um bairro nobre ou uma “mansão”, como aparece na música. Para chegarmos à categoria fundamental “galera lá do morro”, ou galera do Cantão, encontramos a fusão do Pequeno com o bairro Cantão, elementos inicialmente distintos. Ao final da composição, quando é revelada a identidade do Pequeno, hoje Gabriel o Pensador, não sabemos ao certo se essa fusão com o Cantão ainda existe ou se ficou no passado.

No nível das estruturas narrativas, o sujeito de fazer - Gabriel o Pensador, antes Pequeno- busca uma aproximação, estado de conjunção com o sujeito de estado- a galera do Cantão, e tenta instaurar uma série de valores modais e atitudes nestes últimos, no intuito de comprovar essa aproximação. Assim, a festa concedida pelo Pequeno é um dos elementos de tentativa de conjunção com a galera do Cantão.

O Pequeno procura convencer a galera do Cantão, por meio de uma detalhada descrição de suas atitudes, listadas anteriormente, que também é um elemento integrante da galera. É evidente que as referidas atitudes são hipervalorizadas e predominantemente eufóricas ao longo da composição, assim como os elementos de contraste mais aparentes entre o Pequeno e a galera do Cantão são suavizados.

É interessante notar que o sujeito de fazer não procura afirmar a “união” entre as categorias fundamentais ou recusar as divergências, mas sim, transformar pela ação do Pequeno, estados de oposição entre dois mundos aparentemente distintos, em estados de união, amizade, conjunção e convívio social harmonioso.

No nível das estruturas discursivas, encontramos alguns recursos lingüísticos no intuito de facilitar o processo de transformação dos estados de disjunção:

Projeta-se um protagonista, o Pequeno, por meio de um narrador subjetivo que só é revelado no desfecho da composição. Podemos supor que tal processo não foi ocasional, uma vez que o enredo dando-se desta maneira e não de outra, produz um efeito maior de convencimento nas atitudes do Pequeno e, conseqüente, credibilidade à história e a Gabriel O Pensador como integrante da galera do Cantão. Se o processo fosse inverso, não produziria o mesmo efeito.

Algumas falas ao longo da composição são de integrantes da galera do Cantão. Neste caso, O Pensador projeta um discurso que não seu e o insere no enredo com o intuito de conceder maior credibilidade à história do Pequeno.

O programa narrativo acontece pela transformação que o sujeito de fazer Pequeno-Gabriel O Pensador tenta realizar por meio de estados de conjunção (a festa e o convívio no Cantão) com o objeto de valor (a união, fusão e amizade com a galera do Cantão). Portanto, o programa narrativo, refere-se à um programa de aquisição de objeto de valor, uma vez que a transformação resulta em conjunto do sujeito com o objeto do ponto de vista do sujeito de fazer.

6.4 – COMO UM VÍCIO

Nesta composição Gabriel O Pensador fala de sua paixão pelo movimento *hip hop* e pelo *rap*. A canção soa como um desabafo por parte do cantor e compositor em revelar a todos - simpatizantes ou não de suas composições - o grau de importância e o significado do referido movimento em sua vida.

A oposição semântica fundamental refere-se à vida de Gabriel O Pensador antes e depois do contato inicial com o movimento *hip hop* ou mais especificamente, a vida de Gabriel O Pensador sem e com a cultura *hip hop*.

O *hip hop* no enredo é o único objeto de valor com o qual o sujeito de fazer busca estabelecer estado de conjunção ou, neste caso, a seu ver, manutenção da conjunção.

O termo *hip hop* é realçado de diversas maneiras ao longo da composição: magia, poço de sabedoria, linguagem, arte, movimento, vício, transformador do agir, pensar, falar, expressar, ideologia e maturidade. Após adquirir o objeto de valor (programa narrativo de aquisição), Gabriel O Pensador menciona estar envolvido “até os ossos”, estar viciado, apaixonado, dependente, feliz, satisfeito, preenchido, no lugar certo e alimentado (por meio da mente), ou seja, em completo estado de euforia.

Algumas expressões sobressaem-se ao analisarmos os reflexos do contato com o movimento *hip hop* na vida de O Pensador:

- ❑ Melhora na autoestima

“Mergulhei fundo de cabeça, entrei com a vida e agora a cabeça está constantemente ativa e sempre erguida”.

- ❑ Reconfiguração dos interesses pessoais e apropriação dos valores do movimento *hip hop*

“Graças àquele momento do meu descobrimento. Dessa linguagem. Dessa arte. Desse movimento. Do qual estou dentro e está dentro de mim. Confesso que estou envolvido até os ossos”.

“(…) Mudou minha forma de agir, pensar, falar, me expressar”.

□ **Aparente despreocupação com a sua legitimação enquanto *rapper***

“Alguns podem achar que é fanatismo ou algo parecido. E quem estiver incomodado com o que eu digo tape os ouvidos. Pois eu continuarei cantando como eu não parei de ouvir”.

□ **Sentimento de possibilidade de transformação social**

“Sou responsável pela mudança e sinto isso desde o início. É muito forte. É como um vício”.

□ **Migração ideológica**

“Ideologia de vida, parece que achei a minha. Tô satisfeito. Sinto que, sem isso, eu sentiria um vazio estranho no peito. Quando estou no palco ou escrevendo um som. Sinto que me encontrei comigo mesmo e isso é muito bom. Sinto que sou aqui meu verdadeiro eu no lugar certo”.

□ **Manutenção das origens**

“Mas não fujo do meu eu, não fujo do meu nome: Gabriel O Pensador. Por isso estou aqui com o microfone(...) e cantando pros amigos ou pra uma multidão. Correndo atrás viajando pra qualquer cidade. Meus idéias valem mais que minha privacidade”.

6.4.1 CAPÍTULO 4 VERSÍCULO 3

A composição *Capítulo 4 Versículo 3* aborda a temática da criminalidade e violência na periferia através da figurativização do *rapper* como um bandido à medida que suas palavras funcionam como “arma de ataque”, ou seja, tanta comparar o poder das armas, ao poder do uso das palavras nas composições de *rap*. Esta composição também apresenta o intuito de revelar os valores morais que Racionais MC’s julgam positivos aos “manos” como humildade, distanciamento da mídia, do consumismo e de ideias que percorrem a sociedade de consumo.

Em *Capítulo 4 Versículo 3* a oposição semântica fundamental encontra-se na percepção do *rap* como sendo uma arma de ataque através das palavras à alienação e submissão encontradas nos comportamentos sociais ditados pela sociedade de consumo. Neste sentido, o *rap* funcionaria como uma missão por parte dos integrantes do movimento *hip hop* em resistir aos ideais estabelecidos pela sociedade de consumo.

O campo semântico que demonstra a categoria fundamental do *rap* como arma figurativa através do ataque por meio das palavras aparece no seguinte trecho:

*“(...) Minha intenção é ruim esvazia o lugar
eu to em cima eu to afim um dois pra atirar
eu sou bem pior do que você tá vendo
preto aqui não tem dó é 100% veneno
a primeira faz bum a segunda faz ta
eu tenho uma missão e não vou parar
meu estilo é pesado e faz tremer o chão
minha palavra vale um tiro eu tenho muita munição”.*

No excerto acima o grupo Racionais MC’s faz uso de onomatopéias para simular o som de uma arma em ataque: “a primeira faz **bum** a segunda faz **ta**”. Notamos que este recurso poético procura comparar o poder do tiro de uma arma ao do uso das palavras empregadas nas letras de *rap*.

O campo semântico que representa uma crítica à alienação e submissão em relação aos ideais propostos pelo capitalismo é exemplificado nos seguintes trechos:

“(...) irmão o demônio fode tudo ao seu redor

*pelo radio, jornal, revista e outdoor
te oferece dinheiro, conversa com calma
contamina seu caráter, rouba sua alma
depois te joga na merda sozinho”.*

*“(...) seu comercial de tv nao me engana eh
eu nao preciso de status nem fama
seu carro e sua grana jah nao me seduz”.*

*“(...) vim pra sabotar seu raciocínio
vim pra abalar seu sistema nervoso e sanguíneo”.*

No que diz respeito às estruturas narrativas o sujeito narrador é um *rapper* que tenta simular um comportamento semelhante ao de um bandido, no entanto a sua arma não é material, mas sim figurativa. Sua arma são as palavras utilizadas em sua composição de *rap*, sendo que há uma clara missão por trás do emprego destas palavras: a de não permitir uma sujeição aos comportamentos padrões estabelecidos pelo capitalismo: consumismo, alienação, entre outros.

O sujeito narrador conta a história de um “mano” que apresentava comportamento humilde até o momento em que se iludiu com falsas amizades e alterou seu jeito de agir. Após algum tempo este “mano” ficou sozinho e em uma situação bastante difícil. O sujeito narrador usa a figura do “mano” para servir como exemplo negativo aos demais integrantes do movimento *hip hop*.

Vejamos como o “mano” era antes:

*“(...) um jeito humilde de ser no trampo e no role
curtia um funk jogava uma bola
buscava ah preta dele no portão da escola
exemplo pra nós mó moral mó ibope
mais começo cola com os branquinho do shopping
ai jah era..i mano outra vida outro pique
soh mina de elite, balada vários drinque(...)”.*

Agora vejamos o “mano” depois:

*“(...)tem uns dias atrás eu vi o mano
se tem q ver pedindo cigarro pros tiozinho no ponto
dente tudo zuado, bolso sem nenhum conto
o cara cheira mal as tias sente medo
muito loco de sei lah o que logo cedo
agora não oferece mais perigo
viciado, doente, fudido, inofensivo”.*

Encontramos em *Capítulo 4 Versículo 3* uma discreta referência à espiritualidade em dois momentos.

O primeiro é o título da composição que faz alusão a um livro bíblico que o grupo não especifica. O título somado à palavra *Racionais* compõe o refrão- *Racionais Capítulo 4 Versículo 3* -e funciona como uma marca do grupo na composição, uma espécie de profecia cumprida ou a ser cumprida.

O segundo momento em que o grupo recorre a traços de espiritualidade aparece em forma de agradecimento no seguinte trecho:

*“(...)minha palavra alivia sua dor, ilumina minha alma,
louvado seja o meu senhor,
que não deixa o mano aqui desandar(...)”.*

6.4.2 ALGUNS ASPECTOS DISCURSIVOS EM *COMO UM VÍCIO* E *CAPÍTULO 4 VERSÍCULO 3*

Tanto *Como um Vício* quanto *Capítulo 4 Versículo 3* revelam o interesse e o comprometimento com os ideais do movimento *hip hop* por parte dos sujeitos narradores. No entanto, esse envolvimento com o *hip hop*, aparece justificado de maneiras distintas nas composições em análise.

Gabriel O Pensador revela um interesse pela “magia, sabedoria, linguagem e arte” do *hip hop* de modo que através do contato mais íntimo com o movimento em questão ele pode transformar sua maneira de agir, pensar, falar e expressar. O cantor e compositor refere-se ao

movimento *hip hop* como sendo um “vício” que o torna dependente, preenchido, satisfeito, feliz e alimentado. Este vício permite ao Pensador melhorar sua auto-estima, reconfigurar seus interesses pessoais e apropriar-se dos valores do movimento *hip hop*. O mesmo vício causa no cantor e compositor carioca o sentimento de possibilidade de atuar como agente de transformação social. Os termos, expressões e palavras utilizadas em *Como um Vício* são eufóricas e transmitem a satisfação pessoal e plena felicidade de Gabriel O Pensador a partir de seu contato inicial com o movimento *hip hop*.

Através de uma orientação bastante diferente, Racionais MC’s compreendem o *rap* como sendo uma forma de “ataque”, ataque à sociedade capitalista que dita os valores e comportamentos a serem seguidos. Neste sentido, a missão dos *rappers* seria ir a sentido contrário a estes padrões comportamentais que difundem o consumismo desenfreado, a arrogância e o espírito do “ter para ser”.

7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A caracterização dada por Penna ao migrante social como sendo, “*o indivíduo que está em processo dinâmico de transformação –destruição e/ou recriação- tanto do modo de vida e das relações com o espaço, quanto dos referenciais simbólicos que marcavam a experiência social no lugar de origem*”, nos conduziu à hipótese inicial desta monografia, de que Gabriel O Pensador pudesse ser um migrante do ponto de vista ideológico, uma vez que ele inseriu-se no movimento *hip hop* e incorporou-o como sua realidade.

Aos poucos, através da caracterização dada pelo público admirador e pertencente ao movimento *hip hop* ao que seria entendido como perfil de *rapper* e também das análises das composições de *rap* do cantor e compositor Gabriel O Pensador, esta monografia foi desconstruindo a idéia de que o cantor e compositor tenha conseguido de fato migrar inteiramente para o movimento *hip hop*, fato que surpreendeu as expectativas iniciais dos nossos estudos.

Neste sentido, verificaremos, aqui, os elementos na identidade social e profissional de Gabriel de O pensador que interferiram na sua migração ideológica de fato.

Ficou notório que o movimento *hip hop* não é mais homogêneo, como a priori, no entanto, a referência de *rapper* como sendo “a voz da periferia”, é maioria para o público envolvido com o movimento.

Ainda assim, percebemos os constantes esforços por parte de Gabriel O Pensador no intuito de incorporar a ideologia do movimento *hip hop*, como, por exemplo, lutar em favor de melhorias político-econômico-sociais para os moradores da periferia, mesmo sem pertencer territorialmente a ela.

O discurso projetado pelo cantor e compositor nas suas composições, no que se refere à parcela vinculada ao movimento *hip hop*, incorpora a temática principal do movimento: o racismo, as desigualdades sociais encontradas na periferia e a história oficial do Brasil. No entanto, percebemos que ele concede um tratamento diferente ao tema em relação aos demais *rappers*, fato verificado nas análises comparativas com o grupo composições do grupo Racionais MC's.

Neste sentido, as análises das composições de *rap* de Gabriel O Pensador nos permitem verificar que ele suaviza a temática principal do movimento *hip hop*, ao propor ideais de paz e

harmonia. Os tons esperançosos de suas composições destoam do intuito principal do movimento *hip hop*, que é revelar a realidade “nua e crua” da periferia.

Na maior parte do tempo, o cantor e compositor apresentou um discurso que oscila entre primeira e terceira pessoa¹⁹, exceto nos momentos em que revelou sua atração e respeito pelo movimento *hip hop* cujo discurso predominante é em primeira pessoa.

Nos momentos em foi necessário recriar o ambiente da periferia, percebemos uma série de descrições dos problemas sociais encontrados no referido local e a incorporação do discurso dos moradores dali.

Desta maneira, percebemos uma dificuldade, por parte do compositor, em encontrar, de fato, um espaço onde se sinta pertencente e confortável.

Neste sentido, nos parece pertinente a seguinte afirmação de Guimarães (2007)

“A necessidade de se criar múltiplos papéis identitários gera nos indivíduos uma tensão entre as escolhas, de modo que muitas vezes as identidades se sobrepõem e entram em conflito, especialmente com as tradicionais”.

Gabriel O Pensador procurou, nas composições analisadas em nossa monografia, suavizar as “rivalidades” e ressentimentos históricos, políticos e sociais entre os moradores da periferia e aqueles de uma classe social mais privilegiada, atitude bastante diferentes do grupo Racionais MC’s.

As análises também nos mostram a utilização de alguns recursos lingüísticos recorrentes nas composições do Pensador, como: o uso de imperativos, ao dialogar com os cidadãos brasileiros sobre comportamentos a serem incorporados no cotidiano; perguntas reflexivas, capazes de estimular a criticidade em relação a assuntos polêmicos discutidos no movimento *hip hop*, como aqueles mencionados ao longo de nossos estudos e trechos de compositores consagrados pela música popular brasileira.

Percebemos também que as categorias semânticas fundamentais nas composições de Gabriel O Pensador são predominantemente eufóricas e mesmo as que são disfóricas, ao longo do texto, direcionam-se em busca de um estado de conjunção com um objeto de valor positivo,

¹⁹ Sabemos por meio de Guimarães (2007) que o discurso do *rap* é sempre em primeira pessoa, por tratar-se na revelação de uma narrativa da vida real.

percorrendo, desta maneira, sempre uma trajetória que busca a harmonia. A orientação esperançosa que o cantor e compositor concede às suas composições é reflexo dessa procura por estados de conjunção entre pólos aparentemente opostos e, neste sentido ele tenta transformar estados de desarmonia em harmonia.

Observamos também que no caso do grupo Racionais MC's não há tentativa de transformar pólos disfóricos em eufóricos, desta maneira as categorias semânticas fundamentais são predominantemente disfóricas. Também notamos que não há uma busca por estados de conjunção, em direção oposta, a disjunção é bastante marcada pelo campo semântico empregado nas composições deste grupo de *rap*.

À luz destas análises, podemos retomar alguns pressupostos teóricos encontrados em Penna.

A autora nos revela a possibilidade de existência de múltiplas identidades, no caso específico de Gabriel O Pensador podemos inferir que não obrigatoriamente exista apenas uma identidade social a ser assumida por ele, mas sim, é possível que ele assuma diferentes identidades de acordo com referenciais distintos, por exemplo, enquanto artista vinculado à mídia comercial, enquanto compositor de *rap*, enquanto escritor de livros infantis, enquanto membro da família Contino, enquanto administrador de uma organização não governamental... .

O estudo de Penna também é apropriado no sentido de nos permitir observar que o fato de apresentar origem étnica-social-cultural distinta dos *rappers* paulistanos não impede O Pensador de assimilar e organizar simbolicamente a condição de *rapper*. Ainda assim, tal condição estará vinculada a diversos valores assimilados anteriormente ao contato com o movimento *hip hop*

O cantor e compositor nutre a intenção de migrar ideologicamente para compartilhar ideais de vida parecidos com os seus em outro lugar, a comunidade da periferia que faz parte do movimento *hip hop*, já que em seu espaço de origem não encontrou meios para manifestá-los. Portanto, mesmo que retorne à “terra natal”, entendida aqui, como a condição de pertencente a uma classe social diferente, que dispõe de uma trajetória histórica também diferente, ele estará carregado de novas experiências e valores.

Observamos a existência de uma migração ideológica mal sucedida em Gabriel O Pensador, já que ele difere em alguns aspectos dos *rappers* consagrados pelo público envolvido no movimento *hip hop*, pelo seu conteúdo temático muitas vezes romantizado e pela sua história/trajetória pessoal anteriores ao seu contato com este movimento.

Ficou perceptível que há dois grupos de público distintos para Gabriel O Pensador. O primeiro grupo admira o cantor e compositor carioca pelas suas técnicas elaboradas de composição, pela sua poeticidade e pelas suas denúncias sociais importantes. O segundo grupo, que não simpatiza com O Pensador, reconhece que para um indivíduo ser reconhecido como *rapper* é necessário que ele pertença à periferia, desvincule-se da mídia comercial e construa denúncias sociais pautadas nas suas experiências pessoais vivenciadas exclusivamente na periferia.

No caso do primeiro grupo, não é necessário o pertencimento à periferia para que se reconheça um *rapper*, uma vez que as denúncias sociais e a preocupação com as causas da periferia sobrepõem-se à condição de pertencimento a mesma para autorizar-se um indivíduo como sendo *rapper*.

Observamos que para o segundo grupo mencionado Gabriel O Pensador faz *rap*, mas isso não significa que ele seja reconhecido como *rapper*, já que não há pertencimento à periferia, condição imprescindível para este grupo no que diz respeito à legitimação de um *rapper*.

No que se refere à migração ideológica, Penna nos permite compreender que, mesmo a migração ideológica de Gabriel O Pensador tendo sido mal sucedida, o discurso do cantor e compositor não é o mesmo que o anterior à experiência com o movimento *hip hop*, uma vez que houve uma reconfiguração dos seus referenciais de vida.

No entanto, ainda que a experiência do cantor e compositor carioca anterior a sua adesão ao movimento *hip hop* esteja reconfigurada, seu reconhecimento enquanto representante da categoria “*rapper*” permanece vinculado à sua aceitação por parte dos integrantes do movimento *hip hop*, fato que, como visto, embora não impeça, enfraquece o reconhecimento do Pensador como *rapper*.

Soa interessante notar que a migração de Gabriel O Pensador, mesmo sendo uma migração ideológica, o que poderia ser vista pela sociedade como sendo apenas uma aventura provisória do compositor carioca, cumpre com todas as expectativas que se referem aos anseios de um migrante: necessidade de mudar para não se conformar, de buscar formas de vida onde possa manifestar seus compartilhamento de ideais também no nível pessoal.

No caso do cantor e compositor carioca, embora seu lugar de origem oferecesse um repertório imenso de possibilidades de desenvolvimento social e cultural, ele não se identificava com as formas de exploração difundidas pelo seu próprio lugar de origem. Neste sentido, sua

mudança não se restringiu ao esgotamento de suas possibilidades pessoais, ou como nos diz Penna, para deixar de ser “explorado”, mas sim para deixar de compartilhar de uma filosofia de vida, em sua concepção, alheia aos problemas sociais da periferia. Ainda assim, a vontade de defender as causas sociais do movimento *hip hop*, não garante a plena aceitação do cantor e compositor como integrante do movimento, já que como vimos para uma grande parcela do público envolvido no movimento *hip hop*, a noção de pertencimento à periferia é determinante quando falamos do reconhecimento de rapper.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Elaine Nunes de (org). *Rap e Educação, Rap é Educação*. São Paulo. SP. Selo Negro editora, 1999.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria Semiótica do Texto*. São Paulo. Editora Ática, 2007.

FARIAS, Iara Rosa. *Elementos de Semiótica aplicados à canção RAP*. Cadernos de Semiótica Aplicada. Vol 1, Junho de 2003. Endereço eletrônico: <http://www.fclar.unesp.br/grupos/CASA-home.html> . Acesso em 02/12/2009.

FERREIRA, Tania Maria Ximenes. *Hip Hop e Educação: mesma linguagem, múltiplas falas*. (Dissertação de Mestrado) - *Faculdade de Educação*. Universidade Estadual de Campinas. Campinas. SP, 2005.

GUIMARÃES, Maria Eduarda Araújo. *A Globalização e as Novas Identidades: o exemplo do rap*. São Paulo.SP *Perspectivas*. v. 31, p. 169-186, jan./jun. 2007. Endereço eletrônico: [http://www.fclar.unesp.br/seer/index.php?journal=perspectivas&page=article&op=viewFile&path\[\]=525&path\[\]=477](http://www.fclar.unesp.br/seer/index.php?journal=perspectivas&page=article&op=viewFile&path[]=525&path[]=477). Acesso em 02/12/2009

GUIMARÃES, Maria Eduarda Araújo. *Rap: Transpondo as Fronteiras da Periferia* In: Andrade, Elaine de Nunes de(org) *Rap e Educação, Rap é Educação*. São Paulo. SP Selo Negro editora, 1999.

PENNA, Maura. *Relatos de Migrantes: questionando as noções de perda de identidade e desenraizamento*. In: Signorini, Inês(org.) *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas. SP. Mercado de Letras,1998.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *As Dores do Pós-Colonialismo*. Tendências e Debates. Folha de São Paulo. São Paulo. 21 de Agosto de 2006.

SILVA, José Carlos Gomes da. *Arte e educação: A experiência do Movimento Hip Hop Paulistano* In: *Andrade, Elaine Nunes de (org) Rap e educação, Rap é educação*, José Carlos Gomes da Silva. São Paulo. SP. Selo Negro editora, 1999.

TATIT, Luis. *Análise Semiótica Através das Letras*. São Paulo. SP. Ateliê Editorial, 2001.

Fontes on-line

ONG Pensando Junto

<http://blog.pensandojunto.org.br/> Acesso em 02/12/2009

Site de relacionamentos Orkut. Comunidade *Gabriel, o gênio Pensador*. Fórum de discussão:
Rap do Mano Brown

Fonte:

<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs.aspx?cmm=696957&tid=5265976165303705450>

Acesso em 02/12/2009

Site de relacionamentos Orkut. Comunidade *Mano Brown Racionais – MC's*. Fórum de discussão: O que vocês acham do *Rap do Gabriel O Pensador*?

Fonte:

<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs.aspx?cmm=420529&tid=5259561786208100762&na=2&nst=106> Acesso em 02/12/2009

Site oficial do cantor e compositor Gabriel O Pensador

<http://www.gabrielopensador.com.br/> Acesso em 02/12/2009

Blog oficial do cantor e compositor Gabriel O Pensador

<http://bloglog.globo.com/gabrielopensador/> Acesso em 02/12/2009

ANEXOS

A- LETRA DA COMPOSIÇÃO *RACISMO É BURRICE (NOVA VERSÃO DE LAVAGEM CEREBRAL)*

Compositor: Gabriel O Pensador

Álbum: Gabriel O Pensador MTV ao vivo - 2002

Salve, meus irmãos africanos e lusitanos, do outro lado do oceano
"O Atlântico é pequeno pra nos separar, porque o sangue é mais forte que a água do mar"
Racismo, preconceito e discriminação em geral;
É uma burrice coletiva sem explicação
Afinal, que justificativa você me dá para um povo que precisa de união
Mas demonstra claramente
Infelizmente
Preconceitos mil
De naturezas diferentes
Mostrando que essa gente
Essa gente do Brasil é muito burra
E não enxerga um palmo à sua frente
Porque se fosse inteligente esse povo já teria agido de forma mais consciente
Eliminando da mente todo o preconceito
E não agindo com a burrice estampada no peito
A "elite" que devia dar um bom exemplo
É a primeira a demonstrar esse tipo de sentimento
Num complexo de superioridade infantil
Ou justificando um sistema de relação servil
E o povão vai como um bundão na onda do racismo e da discriminação
Não tem a união e não vê a solução da questão
Que por incrível que pareça está em nossas mãos
Só precisamos de uma reformulação geral
Uma espécie de lavagem cerebral

Racismo é burrice

Não seja um imbecil
Não seja um ignorante
Não se importe com a origem ou a cor do seu semelhante
O quê que importa se ele é nordestino e você não?
O quê que importa se ele é preto e você é branco
Aliás, branco no Brasil é difícil, porque no Brasil somos todos mestiços
Se você discorda, então olhe para trás
Olhe a nossa história
Os nossos ancestrais
O Brasil colonial não era igual a Portugal
A raiz do meu país era multirracial
Tinha índio, branco, amarelo, preto
Nascemos da mistura, então por que o preconceito?

Barrigas cresceram
O tempo passou
Nasceram os brasileiros, cada um com a sua cor
Uns com a pele clara, outros mais escura
Mas todos viemos da mesma mistura
Então presta atenção nessa sua babaquice
Pois como eu já disse racismo é burrice
Dê a ignorância um ponto final:
Faça uma lavagem cerebral

Racismo é burrice

Negro e nordestino constroem seu chão
Trabalhador da construção civil conhecido como peão
No Brasil, o mesmo negro que constrói o seu apartamento ou o que lava o chão de uma delegacia
É revistado e humilhado por um guarda nojento
Que ainda recebe o salário e o pão de cada dia graças ao negro, ao nordestino e a todos nós
Pagamos homens que pensam que ser humilhado não dói
O preconceito é uma coisa sem sentido
Tire a burrice do peito e me dê ouvidos
Me responda se você discriminaria
O Juiz Lalau ou o PC Farias
Não, você não faria isso não
Você aprendeu que preto é ladrão
Muitos negros roubam, mas muitos são roubados
E cuidado com esse branco aí parado do seu lado
Porque se ele passa fome
Sabe como é:
Ele rouba e mata um homem
Seja você ou seja o Pelé
Você e o Pelé morreriam igual
Então que morra o preconceito e viva a união racial
Quero ver essa música você aprender e fazer
A lavagem cerebral

Racismo é burrice

O racismo é burrice mas o mais burro não é o racista
É o que pensa que o racismo não existe
O pior cego é o que não quer ver
E o racismo está dentro de você
Porque o racista na verdade é um tremendo babaca
Que assimila os preconceitos porque tem cabeça fraca
E desde sempre não pára pra pensar
Nos conceitos que a sociedade insiste em lhe ensinar
E de pai pra filho o racismo passa
Em forma de piadas que teriam bem mais graça

Se não fossem o retrato da nossa ignorância
Transmitindo a discriminação desde a infância
É o que as crianças aprendem brincando
É nada mais nada menos do que a estupidez se propagando
Nenhum tipo de racismo - eu digo nenhum tipo de racismo - se justifica
Ninguém explica
Precisamos da lavagem cerebral pra acabar com esse lixo que é uma herança cultural
Todo mundo que é racista não sabe a razão
Então eu digo meu irmão
Seja do povão ou da "elite"
Não participe
Pois como eu já disse racismo é burrice
Como eu já disse racismo é burrice

Racismo é burrice

E se você é mais um burro, não me leve a mal
É hora de fazer uma lavagem cerebral
Mas isso é compromisso seu
Eu nem vou me meter
Quem vai lavar a sua mente não sou eu
É você.

B- LETRA DA COMPOSIÇÃO *RACISTAS OTÁRIOS*

Compositor: Mano Brown/Ice Blue
Álbum: Holocausto urbano-1990

Racistas otários nos deixem em paz
Pois as famílias pobres não aguentam mais
Pois todos sabem e elas temem
A indiferença por gente carente que se tem
E eles vêm
Por toda autoridade o preconceito eterno
E de repente o nosso espaço se transforma
Num verdadeiro inferno e reclamar direitos
De que forma
Se somos meros cidadãos
E eles o sistema
E a nossa desinformação é o maior problema
Mas mesmo assim enfim
Queremos ser iguais
Racistas otários nos deixem em paz

Racistas otários nos deixem em paz

Justiça
Em nome disse eles são pagos
Mas a noção que se tem
É limitada e eu sei
Que a lei
É implacável com os oprimidos
Tornam bandidos os que eram pessoas de bem
Pois já é tão claro que é mais fácil dizer
Que eles são os certos e o culpado é você
Se existe ou não a culpa
Ninguém se preocupa
Pois em todo caso haverá sempre uma desculpa
O abuso é demais
Pra eles tanto faz
Não passará de simples fotos nos jornais
Pois gente negra e carente
Não muito influente
E pouco frequente nas colunas sociais
Então eu digo meu rapaz
Esteja constante ou abrião o seu bolso
E jogarão um flagrante num presídio qualquer
Será um irmão a mais
Racistas otários nos deixem em paz

Racistas otários nos deixem em paz

Então a velha história outra vez se repete
Por um sistema falido
Como marionetes nós somos movidos
E há muito tempo tem sido assim
Nos empurram à incerteza e ao crime enfim
Porque aí certamente estão se preparando
Com carros e armas nos esperando
E os poderosos me seguram observando
O rotineiro Holocausto urbano
O sistema é racista cruel
Levam cada vez mais
Irmãos aos bancos dos réus
Os sociólogos preferem ser imparciais
E dizem ser financeiro o nosso dilema
Mas se analisarmos bem mais você descobre
Que negro e branco pobre se parecem
Mas não são iguais
Crianças vão nascendo
Em condições bem precárias
Se desenvolvendo sem a paz necessária
São filhos de pais sofridos

E por esse mesmo motivo
Nível de informação é um tanto reduzido
Não...
É um absurdo
São pessoas assim que se fodem com tudo
E que no dia a dia vive tensa e insegura
E sofre as covardias humilhações torturas
A conclusão é sua...KL Jay
Porém direi para vocês irmãos
Nossos motivos pra lutar ainda são os mesmos
O preconceito e desprezo ainda são iguais
Nós somos negros também temos nossos ideais
Racistas otários nos deixem em paz

Racistas otários nos deixem em paz

Os poderosos são covardes desleais
Espancam negros nas ruas por motivos banais
E nossos ancestrais
Por igualdade lutaram
Se rebelaram morreram
E hoje o que fazemos
Assistimos a tudo de braços cruzados
Até parece que nem somos nós os prejudicados
Enquanto você sossegado foge da questão
Eles circulam na rua com uma descrição
Que é parecida com a sua
Cabelo cor e feição
Será que eles vêm em nós um marginal padrão
50 anos agoras se completam
Da lei anti-racismo na constituição
Infalível na teoria
Inútil no dia a dia
Então que fodam-se eles com sua demagogia
No meu país o preconceito é eficaz
Te cumprimentam na frente
E te dão um tiro por trás

"O Brasil é um país de clima tropical
Onde as raças se misturam naturalmente
E não há preconceito racial. Ha,Ha....."

Nossos motivos pra lutar ainda são os mesmos
O preconceito e o desprezo ainda são iguais
Nós somos negros também temos nossos ideais

Racistas otários nos deixem em paz...

C –LETRA DA COMPOSIÇÃO *BRASIL 500 ANOS*

Compositor: Gabriel O Pensador

Álbum: Projeto Brasil 500 -2000

500 anos de vida,
500 anos de sobrevivência,
500 anos de história,
500 anos de experiência,
500 anos de batalhas, derrotas e vitórias,
Desordem e progresso, fracasso, sucesso,
Dor e alegria, tristeza e paixão,
500 anos de trabalho,
e a obra ainda está em construção,
A luta continua, a vida continua,
Apesar do sangue que escorre,
O guerreiro não se cansa e acredita na mudança,
Porque a esperança é última que morre.

Será só imaginação?
Será que nada vai acontecer?
Será que é tudo isso em vão?
Será que vamos conseguir vencer?

Eu odeio tudo isso mas eu tenho que saber,
O que eu leio no jornal e eu vejo na TV,
Eu odeio tudo isso mais eu tenho que vencer,
Porque eu tenho um compromisso com a vida e com você,
O que eu vejo no jornal não me deixa feliz,
Mas não mudo de canal e não mudo d país,
Eu tenho medo, porque o medo está no ar,
Mas ainda é cedo pra deixar tudo pra lá,
Não adianta ficar aqui á toa,
Só esperando pra ouvir notícia boa,
O que se planta é o que se colhe,
O futuro é um presente que a gente mesmo escolhe,
A semente ja está no nosso chão,
Agora é só regar com a mente e o coração,
A transformação da revolta em amor,
Faz a água virar vinho e o espinho virar flor,

Será só imaginação?
Será que nada vai acontecer?
Será que é tudo isso em vão?
Será que vamos conseguir vencer?

Não adianta ficar aqui é toa,
Só esperando pra ouvir notícia boa,
O que se planta é o que se colhe,
O futuro é um presente que a gente mesmo escolhe,
A semente já está no nosso chão,
Agora é só regar com a mente e o coração,
A transformação da revolta em amor,
A transformação...

Será só imaginação?
Será que nada vai acontecer?
Será que é tudo isso em vão?
Será que vamos conseguir vencer?
Nem todos que sonharam conseguiram, mas pra conseguir é preciso sonhar.

D- LETRA DA COMPOSIÇÃO OTUS 500

Compositor: Racionais MC's
Álbum: Nada como um dia após o outro - 2002

500 anos ...tudo igual ..
América ... justiça ...
500 anos depois ... tudo igual ...
Justiça .. paz
500 anos ...
Jesus está por vir mas o diabo já está aqui ..
500 anos o brasil é uma vergonha
Polícia fuma pedra moleque fuma maconha...
Dona cegonha entrega mais uma princesa
Mais uma boca com certeza que vem à mesa
Onde cabe um .. dois .. cabe 3
A dificuldade entra em cena outra vez
Enquanto isso playboy forjado anda assustado
Deve tá pagando algum erro do passado
Assalto .. sequestro é só o começo
A senzala avisou
Mauricinho hoje paga o preço. ..
Sem adereço, desconto ou perdão
Quem tem vida decente não precisa usar oitão
É doutor, seu titanic afundou
Quem ontem era a caça
Hoje pah é o predador
Que cansou de ser ingênuo humilde e pacato
Encapuçou virou bandido e não deixa barato
Se atacou
E foi pra rua buscar
Confere se não tá abrindo o seu frigobar
Na sala de estar

Assistindo a um dvd
Com sua esposa de refém esperando você
Quer sair do compensado e ir pra uma mansão
Com piscina digna de um patrão
Com varios cães de guarda .. rottweiler
E dama socialite de favela estilo galle
Quer jantar com cristal e talheres de prata
Comprar 20 pares de sapato e gravata
Possuir igual você .. tem um foker 100
Tem também na garagem 2 mercedes-benz
Voar de helicóptero à beira mar
Armani e hugo-boss no guarda-roupa pra variar
Presentear a mulher com brilhantes
Dar gargantilha 18 pra amante
Como agravante a ostentação
O que ele sonha até então tá na sua mao
De desempregado a homem de negócio
Pulou o muro já era
Agora é o novo sócio ...

E - LETRA DA COMPOSIÇÃO *CANTÃO*

Compositor: Gabriel O Pensador
Álbum: Nádegas a declarar - 1999

A galera lá do morro tá sabendo
Hoje vai ter festa na casa do Pequeno
Aquele molequinho que tá sempre no Cantão
Neguinho tá dizendo que ele mora na maior mansão
É, a galera sempre aumenta
Mas a cachanga é de responsa, no 550
Tem deck, piscina, quem vê não imagina
Que o Pequeno mora lá
- É, o cara é gente fina -
Ele desce todo dia a pé pro Cantão
Junto com um pretinho que se chama Janjão
Às vezes com o Nem, às vezes com o Baya
Às vezes sem ninguém mas tá sempre lá na praia
Chega sozinho e todo mundo já conhece
Chega cedinho e só sai quando escurece
Pega o seu skate e vai direto pra favela
Pra andar no half-pipe lá da "curva do S"
É, nem parece que ele é filho de bacana
A aparência às vezes engana
Mas a grana, no caso, não faz diferença
Muito pelo contrário, a grana é o de menos

A galera da favela vai marcar uma presença
Hoje tem aniversário na casa do Pequeno

Eu sou do Cantão!
E lá não tem parada
Todo mundo é irmão, todo mundo é camarada
Eu sou do Cantão!
E lá não tem caô
Todo mundo é peão, todo mundo é doutor
Eu sou do Cantão!
E lá não tem errada
Um aperto de mão vale mais que uma mesada
Eu sou do Cantão!
E lá não tem terror
Amizade não tem classe nem cor

Ele mora ali de frente pro mar, mané, mas é pertinho do morro, a galera vai a pé
Pra entrar no condomínio tem até segurança
Mas não barrou ninguém!
Vâmo pra festança!
Olha quanta coisa bonita!
- Pequeno!!
- Peraí maluco num grita!
- Ele mora ali naquela casa que tá cheia de gente
E cheia de carrão estacionado na frente
Todo mundo chique, de roupa social
E agente assim largado, vai até pegar mal
- É melhor sair fora pra não pagar mico
Isso é festa de rico
Não é pro nosso bico
- Que isso, Chiquinho? Nada a ver!
Quando é festa lá no morro o Pequeno é o primeiro a aparecer
- É, se ele vive lá no funk e no pagode
Porquê no aniversário dele a gente não pode?
- É isso aí, Almir-Rato,
O Pequeno convidou, e se a gente não entrar vai ficar chato
- Vâmo nessa, galera, quem não deve não teme
O Tripa sempre vem aí jogar vídeo-game
Diz pra ele Negão!
- Eu até ranguêi aí outro dia, meu irmão!
Não tem erro não
- Demorô!!
- Aí, ó o Pequeno aí fora
De bermuda e chinelo
- Chegáí!!
- Vambora!!

- Tá rolando um refri, cachorro e coxinha
E tá sobrando um monte de gatinha

Refrão

E o Pequeno cresceu e nem se lembra dos presentes que ganhou
Mas da festa ele nunca se esqueceu
A família reunida, os colegas da escola
A galera lá do morro e só discão na vitrola
Se esqueceu até do beijo da menina
Mas se lembra da galera se jogando na piscina
As lembranças do tempo de moleque no Cantão
Ficaram marcadas na cabeça e no coração
Como aquele cara que não tinha as duas pernas
E subia num skate se arrastando na favela
A força de vontade daquele aleijado
Simbolizava a humildade e a batalha do favelado
E a coragem que aquela gente tinha e tem
São um exemplo de vida que o moleque aprendeu bem:
Lutar pra viver, ser mais solidário
E nunca vacilar, porque não há lugar pra otário
E nem pra malandro demais
A malandragem é saber sobreviver em paz
Saber a hora de falar e a hora de ficar calado
E respeitar pra ser respeitado
E se os ricos pensam que o convívio dos seus filhos com os pobres atrapalha a educação
O Pequeno aprendeu o que nenhuma escola pode ensinar convivendo com a galera do Cantão
Ele viu que a riqueza na verdade é viver com humildade e vencer o preconceito
E ganhou o que nenhum dinheiro pode comprar: A amizade que até hoje guarda dentro do peito

Refrão

E a galera até hoje se reúne lá no canto
Uns todo dia, outros nem tanto
Alô Gebara, Vaguinho, Pamonha e Passarinho
Bonito, Creck, Bila, Boc, Xêra e Maluquinho
Tim Dorê, Pinel, Suruba e Gargamel
O Night entrou pro bicho e foi mais cedo pro céu
Abobrinha se mudou pra Fortaleza
O Déo já é papai e é fiscal da natureza, beleza,
O Janjão virou piloto de asa e, quem diria,
O Nenô virou crente e vai à igreja todo dia!
Almir-Rato agora é professor de natação
E o Bocão criou uma associação de surfistas da favela, da nova geração
Que vão continuar a história do Cantão
Uma estória real, de paz e amor
Que hoje quem te conta é o Gabriel O Pensador

Mas há dez anos atrás, mais ou menos, era mais conhecido como Pequeno

F- LETRA DA COMPOSIÇÃO *COMO UM VÍCIO*

Compositor: Gabriel O Pensador e DJ Leandro

Álbum: Ainda é só o começo - 1995

Preste muita atenção no que eu falo
Guarde e não esqueça
O hip-hop entra pelos ouvidos e sobe para a cabeça
Estamos aqui falando sobre o que seria do Gabriel e do Leandro sem o RAP hoje em dia
O que seria de nossas vidas sem o hip-hop?
Seríamos cantores ou simplesmente ouvintes de música pop?
Seria menos difícil eu virar ouvinte do que cantor
Porque eu não canto bem
Não sou cantor sou compositor
Um ser humano que se expressa com pressa chamado Pensador
Mas há alguns anos não sabia que estaria onde estou
Não conhecia o dia-a-dia em que eu me envolvi
E hoje estou aqui agradecendo por isso existir
Sei que nada acontece por acaso na vida
E foi por isso que eu conheci essa cultura tão pouco difundida H.I.P. H.O.P.
Parecia magia e eu percebia que mergulhava num poço vivo de sabedoria
Mergulhei fundo entrei de cabeça entrei com a vida
E agora a cabeça está constantemente ativa e sempre erguida
Graças aquele momento do meu descobrimento
Dessa linguagem
Dessa arte
Desse movimento
Do qual estou dentro e que está dentro de mim
Confesso que estou envolvido até o ossos
Não posso sair
Sou viciado apaixonado dependente
Num vício diferente, completamente consciente
Que alimenta minha mente e me leva em frente a cada dia
E eu me pergunto: se eu não estivesse nisso onde eu estaria?
Vício
Alguns podem achar que é fanatismo ou algo parecido
E quem estiver incomodado com o que eu digo tape os ouvidos
Pois eu continuarei cantando como eu não parei de ouvir
Desde a primeira vez que escutei isso mudou minha forma de agir
Pensar
Falar
Me expressar
Nem todos que sonharam conseguiram
Mas pra conseguir é preciso sonhar
Ideologia eu tenho uma pra viver
E poderia perguntar se acontece o mesmo com você

Mas a pergunta agora é outra amigo
Se não fosse o hip-hop o que o destino teria feito comigo?
Seria apenas mais um jovem estudante
Com um boletim no fim do mês e um monte de livros na estante?
Não não me contentaria em ser apenas isso
Graças a Deus, além de livros, a minha estante está cheia de discos
Que me ensinam muito mais do que cê pode estar pensando
Quem conhece o hip-hop sabe bem do que eu tô falando
Dessa cultura: menos música e mais literatura
É mais fácil escrever um rap num livro do que numa partitura
Mas uma coisa eu não responderia
Se a minha vida não estivesse nisso, que vida eu teria?
Vício
Entrei na história do hip-hop e o hip-hop entrou na minha história
Tô cheio de idéias na cabeça e versos na memória
E eu já não sou mais inocente feito uma criança
Mas o meu peito felizmente tem uma ponta de esperança
Sou responsável pela mudança e sinto isso desde o início
É muito forte
É como um vício
É como um vício
É como um vício, é muito mais que um simples compromisso
E se viver é difícil seria bem mais difícil viver sem isso
Ideologia de vida, parece que achei a minha. Tô satisfeito
Sinto que, sem isso, eu sentiria um vazio estranho no peito
Quando estou no palco ou escrevendo um som
Sinto que me encontrei comigo mesmo e isso é muito bom
Sinto que sou aqui meu verdadeiro eu no lugar certo
E se eu não estivesse aqui provavelmente estaria bem perto
Agradeço por eu não estar vivendo em vão
Viver longe de si mesmo é muita solidão
Mas eu não fujo do meu eu, não fujo do meu nome: Gabriel O Pensador
Por isso estou com o microfone
Me expressando com um papel e uma caneta na mão
E cantando pros amigos ou pra multidão
Correndo atrás viajando para qualquer cidade
Meus ideais valem mais que minha privacidade
Amado por poucos
Odiado por outros
Alguns me acham sábio, alguns me acham louco
Só sei que não sou sábio
Só sei que nada sei
Só sei que precisamos aprender
E é isso que eu farei
Conhece-te a ti mesmo
Eu estou tentando
Apenas começando

Aprendendo e ensinando
Tudo isso é minha vida, e eu me pergunto a cada dia:
Se eu não estivesse nisso, onde eu estaria?

G- ANÁLISE DA COMPOSIÇÃO *CAPÍTULO 4 VERSÍCULO 3*

Compositor: Mano Brown

Álbum: Sobrevivendo no Inferno -1997.

60% dos jovens de periferia
sem antecedentes criminais
já sofreram violência policial
a cada 4 pessoas mortas pela policia 3 são negras
nas universidades brasileiras
apenas 2% dos alunos são negros
a cada 4 horas um jovem negro morre violentamente em São Paulo
aqui quem fala é primo preto mais um sobrevivente...

Minha intenção é ruim esvazia o lugar
eu to em cima eu to afim um dois pra atirar
eu sou bem pior do que você tá vendo
preto aqui não tem dó é 100% veneno
a primeira faz bum a segunda faz tá
eu tenho uma missão e não vou parar
meu estilo é pesado e faz tremer o chão
minha palavra vale um tiro eu tenho muita munição
na queda ou na ascensão minha atitude vai além
e tenho disposição pro mal e pro bem
talvez eu seja um sádico, um anjo, um mágico,
juiz ou réu um bandido do céu
malandro ou otário, padre sanguinário,
franco atirador se for necessário
revolucionário, insano ou marginal
antigo e moderno, imortal
fronteira do céu com o inferno
astral imprevisível, como um ataque cardíaco no verso
violentamente pacífico, verídico
vim pra sabotar seu raciocínio
vim pra abalar seu sistema nervoso e sanguíneo
pra mim ainda é pouco da cachorro louco
numero um dia terrorista da periferia
uni-duni-te o que eu tenho pra você
um rap venenoso ou uma rajada de PT
e a profecia se fez como previsto
1997 depois de cristo a fúria negra ressuscita outra vez
Racionais Capítulo 4 Versículo 3

Faz frio em sao paulo pra mim ta sempre bom
eu to na rua de bombeta e moletom
dim dim dom rap eh o som que emana no opala marrom...
e ai chama o guilherme chama o fanho
chama o dinho e o dil? marquinho, chama o éder vamo ai...
se os outros mano vem pela ordem tudo bem melhor
quem eh quem no bilhar no dominó
colo dois mano um aceno pra mim
de jaco de cetim de tenis calca jeans
ei Brown sai fora nem vai nem cola
naum vale ah pena da idéia nesse tipo ai
ontem ah noite eu vi na beira do asfalto
tragando ah morte soprando ah vida pro alto
oh os cara soh o pó pele e osso
no fundo do poço, mó flagrante no bolso
veja bem ninguem eh mais que ninguem
veja bem, veja bem e eles sao nossos irmaos tambem
pá de cocaina e crack, whisky e conhaque
os mano morre rapidinho sem lugar de destaque
mas quem sou eu pra falar de quem cheira ou quem fuma? nem dá
nunca te dei porra nenhuma
você fuma o que vem entope o nariz
bebe tudo que vê faca o diabo feliz
você vai terminar tipo o outro mano lah
que era um preto tipo A ninguém tava numa
mó estilo de calça kalvin klein tenis puma eh
um jeito humilde de ser no trampo e no rolê
curtia um funk jogava uma bola
buscava ah preta dele no portão da escola
exemplo pra nós mó moral mó ibope
mais começo cola com os branquinho do shopping
ai jah era..i mano outra vida outro pique
soh mina de elite, balada vários drinque,
puta de butique, toda aquela porra sexo sem limite
sodoma e gomorra...
hã faz uns nove anos,
tem uns dias atrás eu vi o mano
se tem q ver pedindo cigarro pros tiozinho no ponto
dente tudo zuado, bolso sem nenhum conto
o cara cheira mal as tias sente medo
muito loco de sei lah o que logo cedo
agora não oferece mais perigo
viciado, doente, fudido, inofensivo
um dia um PM negro veio embaçar
e disse pra eu me pôr no meu lugar
eu vejo um mano nessas condições não da
será assim que eu deveria estar

irmão o demônio fode tudo ao seu redor
pelo radio, jornal, revista e outdoor
te oferece dinheiro, conversa com calma
contamina seu caráter, rouba sua alma
depois te joga na merda sozinho
eh transforma um preto tipo A num neguinho
minha palavra alivia sua dor, ilumina minha alma,
louvado seja o meu senhor,
que nao deixa o mano aqui desandar
e nem senta o dedo em nenhum pilantra
mais q nenhum filha da puta ignore ah minha lei
racionais capítulo 4 versículo 3

quatro minutos se passaram e ninguém viu
o monstro que nasceu em algum lugar do Brasil
talvez o mano q trampa debaixo do carro sujo de óleo
que enquadra o carro forte na febre com o sangue nos olhos
o mano que entrega envelope o dia inteiro no sol
ou o que vende chocolate de farol em farol
talvez o cara que defende o pobre no tribunal
ou o que procura vida nova na condicional
alguém no quarto de madeira
lendo ah luz de vela ouvindo radio velho
no fundo de uma cela ou
o da família real de negro como eu sou
o príncipe guerreiro que defende o gol
e eu não mudo mais eu não me iludo
os mano cu de burro tem eu sei de tudo
em troca de dinheiro e um carro bom
tem mano que rebola e usa até batom
vários patrícios falam merda pra todo mundo rir
haha pra ver branquinho aplaudir
eh na sua área tem fulano até pior
cada um cada um você se sente só
tem mano q te aponta uma pistola e fala serio
explode sua cara por um toca fita velho
click plau plau plau e acabo sem dó e sem dor
foda-se sua cor, limpa o sangue com ah camisa
e mande se fude você sabe porque pra onde vai pra que
vai de bar em bar de esquina em esquina pega cinquenta conto
troca por cocaína, enfim o filme acabo pra você
ah bala naum eh de festim aqui não tem duble
para os mano da baixada fluminense ah ceilandia eu sei
as ruas não são como ah disneylandia
de guaianases ao extremo sul de santo amaro
ser um preto tipo A custa caro
eh foda, foda eh assistir ah propaganda e ver

não da pra ter aquilo pra você
playboy forgado de brinco um troxa
roubado dentro do carro na avenida reboucas
correntinha das moca as madame de bolsa dinheiro
não tive pai não sou herdeiro
se eu fosse aquele cara que se humilha no sinal
por menos de um real minha chance era pouca
mais se eu fosse akele muleke de toca
q engatilha e enfia o cano dentro da sua boca
de quebrada sem roupa vc e sua mina
um dois nem me viu jah sumi na neblina
mais não permaneço vivo prossigo ah mística
vinte e sete anos contrariando ah estatística
seu comercial de tv nao me engana eh
eu nao preciso de status nem fama
seu carro e sua grana jah nao me seduz
e nem ah sua puta de olhos azuis
eu sou apenas um rapaz latino americano
apoiado por mais de cinquenta mil manos
efeito colateral q o seu sistema fez
racionais capítulo 4 versículo 3